



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

PRISCILA SANTOS CANUTO

**UMA ESCOLA CHAMADA “CARANDIRU”: uma história das
figurações de poder**

JOÃO PESSOA/PB

2015

PRISCILA SANTOS CANUTO

**UMA ESCOLA CHAMADA “CARANDIRU”: uma história das
figurações de poder**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (*Strictu Sensu*) – PPGE do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena.

JOÃO PESSOA/PB

2015

C235u Canuto, Priscila Santos.
Uma escola chamara Carandiru: uma história das
figurações do poder / Priscila Santos Canuto.- João Pessoa,
2015.
95f. : il.
Orientador: Ricardo de Figueiredo Lucena
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE
1. Educação. 2. Violência juvenil. 3. Grupos - poder -
territorialização. 5. Figurações. 6. Identidade.

UFPB/BC

CDU: 37(043)

PRISCILA SANTOS CANUTO

**UMA ESCOLA "CHAMADA CARANDIRU": uma história das
figurações de poder**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (Strictu Sensu) – PPGE do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do professor Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena.


Área de concentração: Estudos Culturais da Educação


Defesa: 30 de novembro de 2015.

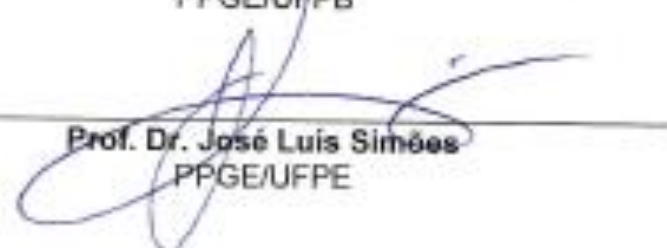
Resultado:

Aprovada

BANCA AVALIADORA:


Prof. Dr. Ricardo Lucena de Figueiredo
PPGE/UFPB


Prof. Dr. Fernando César Bezerra de Andrade
PPGE/UFPB


Prof. Dr. José Luís Simões
PPGE/UFPE

Dedico este trabalho as pessoas mais presentes na minha vida: **Minha mãe, pelo amor e exemplo. Meus amigos/as que são como irmãos e irmãs. Meu orientador pelo incentivo, calma e apoio. Meus alunos e alunas que tornam minha vida profissional e acadêmica possível.**

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos a todo/as amigos/as representados/as aqui por **Linda Nóbrega** que está comigo há muito nessa peregrinação em busca de objetivos e anseios estabelecidos, por sempre acreditarem e confiarem em minha capacidade, mesmo quando eu duvido.

A minha **mãe**, um agradecimento muito especial, por todo amor a mim dedicado e pelo exemplo de perseverança.

Sou muito grata ao meu orientador **Ricardo Lucena**, por toda sabedoria, calma, equilíbrio e apoio a mim dedicados ao longo desses nove anos de caminhada.

Agradeço imensamente ao Professor **Fernando Andrade**, por sua colaboração sempre construtiva ao meu trabalho e sua delicadeza e sabedoria nas arguições.

Meu agradecimento ao Professor **José Luís Simões**, pela presteza em atender ao nosso pedido e pelas contribuições.

Gratidão aos meus queridos e queridas amigos/as feitos aqui no PPGE, que estão presentes e atuantes em situações de muita importância, representados pelo nosso grupo **No Caminho dos Vinhos** e representados na figura da minha querida e sempre parceira **Silvânia**.

Aos “**Cafulovers**”, pela entrega e dedicação nesse caminho de aquisições e troca de afeto e conhecimento.

“Chamamos de Ética o conjunto de coisas que as pessoas fazem quando todos estão olhando. O conjunto de coisas que as pessoas fazem quando ninguém está olhando chamamos caráter”.

Oscar Wilde

RESUMO

UMA ESCOLA CHAMADA “CARANDIRU”: uma história das figurações de poder constitui-se numa investigação que contempla a história das figurações e relações de poder que se estabelecem no cenário de uma escola da cidade de Santa Rita/PB, apelidada de “Carandiru”. Nesse contexto, foram observadas turmas do ensino fundamental II dos turnos manhã e tarde, numa perspectiva de entender e analisar os processos sob a perspectiva de Norbert Elias. Esta pesquisa é uma investigação qualitativa que tem como metodologia norteadora a teoria figuracional e dos processos de Elias (2000), que consiste em analisar o micro sem esquecer suas conexões e interdependências com o macro, entendendo as ações individuais como pertencentes e interligadas ao todo social. Abordamos, também, a iconologia com a apreciação de fotografias do cenário pesquisado. Entender as formações de grupos dentro dessa escola e as relações de poder que se estabelecem nesse cenário é o objetivo geral, os objetivos específicos, foram: refletir sobre o papel dos grupos nesse ambiente, abordar o método de organização dos alunos, entender o processo de liderança e discutir a territorialização desses grupos na escola. Foram identificados grupos externos como OKD (okaida) e EUA (estado), que influenciam e inspiram a formação de subgrupos internos, BDC (Bonde da Cyclone), BDI (Bonde dos Irados), entre outros, e refletem diretamente no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Poder. Figurações. Escola. Identidade. Grupos. Violência Juvenil. Territorialização.

ABSTRACT

A SCHOOL "CALL CARANDIRU": a story of power figurations, constitutes an investigation that includes the history of figurations and power relations that are established in the scenario of a school in the city of Santa Rita / PB, nicknamed "Carandiru" . In this context were observed, elementary school II courses of the morning and afternoon shifts, with a view to understand and analyze the processes under Elijah's perspective, this research is a qualitative research whose guiding methodology to figuration theory and Elias processes (2000), which is to examine the micro without forgetting their connections and interdependencies with the macro, understanding individual actions as belonging to the social and interconnected whole, also addressed the iconology with the appreciation of photographs of the searched scene. Understanding the formation of groups within that school and the power relations that are established in this scenario is the overall goal, specific objectives were: to reflect on the role of groups in this environment, address the method of organization of students, understand the process of leadership and discuss the territorial those groups at school. Outside groups have been identified as OKD (okaida) and the US (state), that influence and inspire the formation of internal subgroups, BDC (Tram Cyclone), BDI (Bonde of Irate), among others, and directly reflect in everyday school life.

Keywords: Power. Figurations. School. Identity. Groups. Youth Violence . Territorial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – O Estádio	15
FIGURA 2 – O Pavilhão	15
FIGURA 3 – Modelo de relações centralizador	34
FIGURA 4 - Interdependências das conexões entre os indivíduos	34
FIGURA 5 – Os grupos	36
FIGURA 6 – Os gritos	36
FIGURA 7 – Os símbolos	40
FIGURA 8 – A Porta	52
FIGURA 9 – A trilha sonora.....	53
FIGURA 10 – Os narradores	55
FIGURA 11 – A Competição	55
FIGURA 12 – Banho de sol	56
FIGURA 13 – A notícia.....	57
FIGURA 14 – As facções	57
FIGURA 15 – A sirene.....	58
FIGURA 16 – O medo	58
FIGURA 17 – Cárcere	59
FIGURA 18 – Disputa de poder.....	60
FIGURA 19 – Fragmentos da figura 18.....	61
FIGURA 20 – Afrontas	61
FIGURA 21 – Fragmento da figura 20	62
FIGURA 22 – Demarcação	63
FIGURA 23 – Contornos	64
FIGURA 24 – Acesso	65
FIGURA 25 – Divisórias	66
FIGURA 26 – Desejada.....	66
FIGURA 27 – Fragmento da figura 26.....	67
FIGURA 28 – Fragmento da figura 26.....	68
FIGURA 29 – Ofensas	68
FIGURA 30 – Noyadas.....	69
FIGURA 31 – Conexões	70

FIGURA 32 – Vida loka	71
FIGURA 33 – Pertença	72
FIGURA 34 – Acordos.....	72
FIGURA 35 – Pactos	73
FIGURA 36 – As safadinhas	73
FIGURA 37 – Fragmento da figura 36.....	74
FIGURA 38 – Bonde	74
FIGURA 39 – Proteção e morte	75
FIGURA 40 – Bad boy	76
FIGURA 41 – Arquétipo	77
FIGURA 42 – Divino demoníaco	77
FIGURA 43 – Amizade.....	78
FIGURA 44 – Afeto	79

LISTA DE SIGLAS E EXPRESSÕES

BDC - Bonde da Cyclone

BDF – Bonde das furiosas

BDG – Bonde das gatinhas

BDI – Bonde dos irados

BDP – Bonde das popozudas

EUA – Estados Unidos (Estados)

MZR – Mizéria (Mizera)

OKD - Al-Qaeda (Okaida)

PCC – Primeiro Comando da Capital

TDP – Turma do Pancadão

TDR – Turma do Role

CASADOR - Aquele que pertence “Está casado”

TOMADOR - Analogia ao homossexual (Aquele que se deixa ser penetrado analmente).

FECHADOS - Coligados, Aliados

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 DO ESTÁDIO AO “CARANDIRU”	15
1.1 ENTENDENDO OS PROCESSOS	17
1.2 FIGURAÇÕES DO PROCESSO - DELINEAMENTO METODOLÓGICO	24
1.3 FIGURAÇÕES: UM PASSEIO À LUZ DA TEORIA ELIASIANA	28
2 OS GRUPOS E OS GRITOS	36
2.1 OS DE CIMA E OS DE BAIXO: DA ESCADARIA AO CADEADO	39
2.2 O CARANDIRU E O PODER	45
2.3 A TURMA QUE DOMINA	47
3 “A VOZ” “AVEZ” ... O QUE CONTAM AS PAREDES	55
3.1 A TERRITORIALIZAÇÃO DO “CARANDIRU”	56
3.2 BANHEIROS: ESPAÇOS DE FUGAS, DISPUTAS E RELAÇÕES DE PODER	63
3.3 PAREDES E CARTEIRAS: A HISTÓRIA PICHADA	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	85

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade fazer um passeio nas figurações de uma escola localizada no centro da cidade de Santa Rita-PB, tomando como figuração central os grupos deste cenário e as relações de poder que se estabelecem entre eles, apresentando o trajeto desde a escolha do tema à chegada no local a ser pesquisado, fazendo alguns paralelos, discussões e análises. Irei a seguir situar a minha jornada desde a graduação até a entrada na cidade de Santa Rita, bem como a aproximação com a escola que se transformou em campo desta pesquisa.

A minha chegada ao “Carandiru”, se deu no ano de 2011, após ter sido chamada para trabalhar no município de Santa Rita, mediante concurso realizado em 2009; minha inserção nessa cidade aconteceu em outubro de 2010, momento em que fui encaminhada para uma escola que fica no bairro de Marcos Moura, zona urbana desta cidade, chamada Antônio Pereira e apelidada como “O Pereirão”.

Ao chegar à escola e visualizá-la, percebi que a mesma era cercada por inúmeras grades e estava em estado deplorável de pintura e estrutura. Algum tempo depois, os alunos/as me confidenciaram a função de todo aquele aparato de “segurança”: era para evitar uma “guerra” de cadeiras. Alguns professores/as me relataram que o público dali era um tanto “perigoso”, teria sido esse meu campo de pesquisa, contudo, passei pouco tempo no “Pereirão”, pois fui encaminhada em janeiro de 2011 à Secretaria de Educação Municipal para ser remanejada pra outra unidade de ensino, digo encaminhada, mas o termo que se utiliza na cidade é “devolvida”, pois a gestora não havia gostado dos meus questionamentos com relação ao funcionamento da escola e, portanto, me “devolveu” à Secretaria de Educação.

Ao me reapresentar para conhecer meu novo endereço de trabalho, o coordenador do DEFIS (Departamento de Educação Física) me entregou uma lista com alguns nomes e endereços de escolas para que eu pudesse escolher, na altura ainda não conhecia a cidade, apenas o bairro de Marcos Moura e o Centro e fiz então a escolha pela localização central e de fácil acesso em Santa Rita.

Ao dizer minha preferência fui surpreendida com uma exclamação nada convidativa de um colega de profissão, que na altura participava do grupo que

coordena a disciplina de Educação Física no município. O mesmo falou: “Tens certeza que queres ir para essa escola? ” “Ela é conhecida como ‘Carandiru’, é carrego viu? ” (sic). Ao indagar-lhe o porquê de chamar essa escola de “Carandiru”, o mesmo disse-me que não tinha certeza, mas seria pelo fato de haver telas de proteção na quadra, que fica nos fundos do prédio e, em muitos momentos, haver invasões de pessoas da comunidade, bem como evasões dos alunos através das telas, fazendo-se uma analogia a fuga em presídios.

Apesar de ficar receosa, fiquei igualmente curiosa, pois acabara de conhecer uma escola apelidada de “Pereirão” e agora uma chamada “Carandiru”. Foi nesse momento que surgiu o anseio de entender e compreender a realidade dos membros daquela comunidade escolar, pois me intrigava o fato de que, mesmo tendo uma localização privilegiada por ser central, ela apresentasse sérios problemas desde estruturais até pedagógico-administrativos e tivesse um estigma tão forte, a ponto de alguns professores/as se recusarem a ir trabalhar na mesma, segundo me havia sido relatado.

Mas “o que” seria esse “Carandiru”? Qual sua representação dentro da cidade? Fundada em 31 de março de 1975, em um terreno doado pela Usina Santa Rita, a Escola Governador Flávio Ribeiro, que na altura era um grupo escolar, recebeu esse nome em homenagem ao então governador do estado.

Em princípio fiquei sem saber ao certo quando esse apelido “Carandiru” surgiu, sabendo apenas que esta escola é considerada, pelos moradores e moradoras das proximidades, pelos docentes e discentes, como bastante perigosa, com alto índice de violência entre os alunos/as, e entre alunos/as e funcionários/as. Mais adiante teremos um possível desfecho para o emprego desse apelido, tendo em vista ter sido apontado por alguns/as dos/as professores/as questionados/as como um adjetivo atribuído à escola por seus próprios membros, recebendo influências também do filme Carandiru, segundo esses docentes.

Esse perigo tão evidente na fala dos meus colegas professores/as atribui-se em parte pelo fato da escola receber alunos/as do “Alto”, bairro que tem nele incluído o “Onze” e a “Escadaria” dois cenários reincidentes nas manchetes de jornais policiais, por homicídios, tráfico de drogas entre outros crimes, além da Chatuba e Cadeado, outros dois bairros próximos que são afligidos dos mesmos problemas sociais.

Tendo feito a apresentação da escola, das primeiras impressões e do meu trajeto introdutório como pesquisadora, despeço-me do caminhar inicial em primeira pessoa para uma abordagem coletiva e em parceria com meu orientador e pesquisados/as. Faremos a seguir uma pequena exposição dos capítulos desse trabalho.

No primeiro capítulo: “Do Estádio ao “Carandiru”, é apresentado como se deu a escolha do tema; a seguir, é exibido um esboço acerca da teoria dos processos sociais, bem como o delineamento metodológico da pesquisa. O conceito de figurações é abordado de forma a situar e esclarecer para o/a leitor/a o entendimento e a importância do mesmo neste trabalho: fazemos isso através de ilustrações do campo de pesquisa e seus pesquisados/as, apresentamos o surgimento do apelido “Carandiru” através da fala dos docentes.

No segundo capítulo, intitulado “Os Grupos e os Gritos”, iremos apresentar como foram feitas as observações, expondo também a história do surgimento dos grupos que atuam na cidade e seu reflexo dentro da escola. Abordamos as rivalidades estabelecidas geograficamente nos bairros próximos e, como isso, refletimos relações de poder dos grupos da instituição, sendo esta uma territorialização das gangues nos bairros circunvizinhos à unidade de ensino.

Ainda nesse capítulo, apresentaremos o anseio de se fazer ouvir por parte daqueles que não têm “voz” nesse cenário e as disputas de poder que se estabelecem diariamente, abordando assim, o conceito de poder e algumas de suas implicações nessa escola. Apresentamos os estigmas arraigados e reforçados pelos que compõe o corpo educativo como parte da formação da identidade do “Carandiru” e daqueles/as que a frequentam.

No terceiro capítulo será dada a “voz” e a “vez” aos indivíduos da pesquisa, faremos exposição e análise das fotos coletadas no decorrer desta investigação, na expectativa de uma maior compreensão dessas relações de poder que se estabelecem, rompem e reformulam nesse processo do dia a dia escolar, numa perspectiva longitudinal.

1 DO ESTÁDIO AO “CARANDIRU”

FIGURA 1 – Estádio



Fonte Disponível em: <http://www.taringa.net/posts/deportes/9514145/Alemania-2011---Copa-Mundial-Femenina.html> Acesso em 06/10/2014

FIGURA 2 - Pavilhão



Fonte: Acervo particular da pesquisadora, (2013).

Começar é sempre fazer desígnios, o que levar, o que deixar, quais trilhas seguir. Relatar mesmo que de forma sucinta, o percurso traçado ao longo desse caminho, facilitará a você, caro/a leitor/a, o entendimento das escolhas feitas para a realização deste trabalho. Em princípio abordaremos a escolha deste tema, que partiu de um interesse oriundo na época da graduação, momento em que investigamos a história das torcidas organizadas e a violência nos estádios de futebol, como trabalho monográfico de conclusão de curso intitulado: “A Violência nos Estádios de Futebol: Um Problema Social”, na perspectiva de entender os espaços destinados ao esporte, como espaços “livres” de algumas regras sociais, naquele caso os estádios de futebol.

Partindo de um estádio de futebol para uma quadra, ou um pátio destinado ao horário de intervalo e/ou aulas de educação física dentro da instituição, podemos observar algumas semelhanças e regularidades no que se refere à “liberdade” de se expressar, não permitida dentro da sala de aula das demais disciplinas, essa é uma das particularidades da Educação Física, dar ao aluno/a a sensação de liberdade e mobilidade, pois durante essa aula eles/as podem mover-se, falar e se expressar de forma mais lúdica, tendo em vista que a própria sala de aula é uma quadra, ou seja, mais espaço físico que permite uma movimentação em termos corporais maior.

O território escolar apresenta-se como um campo fértil para tratarmos de assuntos pautados às relações de poder, aos conflitos, bem como a formação de identidades, vislumbrando uma afirmação de Gebara (2011, p59) que nos diz: “A educação, os jovens e a escola são processos, com diferentes periodizações que encontram na instituição escolar uma convergência, configurando diferentes e crescentes imbricamentos”. Essas tendências de múltiplas facetas e recheadas de diferentes artifícios são, por muitas vezes, encaradas e tratadas como singularidades dentro desse universo de pluralidade.

Tendo feito a graduação em educação física, acreditamos que esse fato contribuiu igualmente, para a escolha do tema, pois na nossa prática são evidenciados o ser humano (corpo) e suas destrezas como elementos importantes do processo ensino aprendizagem, conseqüentemente, as relações de poder aparecem e tomam forma nas nossas atividades, despertando-nos então a curiosidade de entender os espaços destinados à prática de atividades físicas e lúdicas dentro da escola. Favorecem as explicitações dos sentimentos, dentre eles

sensações de liderança e empoderamento. Não negamos aqui a evidência desses anseios nos demais espaços, contudo acreditamos que há uma facilidade de maior exposição nas aulas de educação física e horário de intervalo, visto que nesses dois momentos as possibilidades de interação entre os discentes são aumentadas e “permitidas”.

Percebe-se que esse território recebe indivíduos de diversas culturas, idades, pertencentes a grupos diferenciados, cada um vivendo e construindo relações compartilhadas dentro e fora da escola, porém um dado curioso é o fato de a mesma oferecer apenas um planejamento uniformizador e que trata todos/as como iguais, sendo essa talvez, a primeira e maior forma de poder exercida na e pela a escola, ou seja, padronizar o alunado.

É válido ressaltar que o interesse em pesquisar as relações de poder no cotidiano escolar sob a ótica social, vem desde o primeiro contato que tive com a bibliografia do autor Norbert Elias, sugerida pelo meu orientador, Prof. Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena, ainda na graduação.

Evidentemente que outros contornos tomaram forma mediante a trajetória percorrida, pois naquela altura o interesse era voltado à área social esportiva, tendo em vista o enfoque e a apreciação das disputas de poder nas torcidas organizadas, o cenário e os indivíduos são agora membros de uma comunidade escolar e suas lutas de poder nesse cotidiano, contudo, ainda está presente o fator esportivo, pois o espaço das aulas de Educação Física e intervalo são centrais para as observações. Agora, o esporte com caráter educativo e não de rendimento como no trabalho anterior, e os sujeitos/as pesquisados/as são os/as próprios/as jogadores/as.

1.1 ENTENDENDO OS PROCESSOS

Observando os acontecimentos relacionados às disputas de poder, nossa meta é que o desenvolvimento deste trabalho tenha valia para esse público e possa colaborar de forma qualitativa para o entendimento das relações sociais de poder, emoções e conflitos. Entender e analisar os processos sob a perspectiva de Elias é um dos nossos desafios, sendo assim buscamos entender o interesse do autor por esses eventos sociais de força, de forma rápida e pontual.

Um humanista que detesta a violência e que o seu interesse constante pelas relações entre violência e civilização não é só acadêmico ou intelectual. Para ser mais exato, surge pelo menos em parte, da sua experiência na Alemanha, na década de 1920 e inícios de 1930, do fato de sua mãe ter morrido em Auschwitz e do seu exílio, primeiro na França e mais tarde em Inglaterra. O que significa que o seu interesse sociológico pela violência – em todas as suas formas e manifestações – radica num profundo desejo de alargar o conhecimento sobre as suas raízes sociais e psicológicas, na esperança de que essa compreensão ajude as pessoas a conciliar suas vidas – os seus padrões de vida em comum – segundo formas que lhes permitam evitar toda espécie de tragédias violentas com que a humanidade tem sido particularmente afetada. (DUNNING 1992, p. 20).

Com esse trecho do livro “A Busca da Excitação” de Elias e Dunning, percebemos que mesmo de forma superficial, a inserção do autor na realidade dos conflitos e de violência sofrida pelo mesmo, e talvez daí o seu interesse em se aprofundar no processo civilizador e resgatar historicamente como aconteceu e acontecem as figurações sociais ao longo dos anos, sendo estas figurações pra Elias, ações interdependentes, que servem para nos fazer refletir e alargar o tratamento que se dá ao falar de indivíduo e da sociedade como diferentes e antagônicos (ELIAS, 1990 p.141). Sendo essa dicotomia, um obstáculo a ser superado, no sentido de entender a escola e os alunos/as, como um conjunto interligado que é composto por diversas conexões de interdependência, mas a frente nos deteremos a esse conceito, que é um dos pontos centrais da teoria Eliasiana.

A ideia de processo civilizador nos é apresentada por Elias como algo que não tem início ou fim marcado e programado, mas como uma dinâmica que flui sem esquematização prévia, contudo nem por essa causa é de todo ausente de uma determinada ordem para Elias,

[...] ao processo civilizador nada mais é do que o problema geral da mudança histórica. Tomada como um todo, essa mudança não foi “racionalmente” planejada, mas tão pouco se reduziu ao aparecimento e desaparecimento aleatórios de modelos desordenados (ELIAS, 1993, p.194).

Essas conexões se formam sem um planejamento precedente daqueles que as figuram, porém, as teias que vão se constituindo ao longo do processo tomam forma e caminhos que são superiores ao desejo individual, dessa forma mesmo com todo o planejamento elaborado pela instituição escolar, os resultados dependerão

das relações que se estabelecerão nesse cenário, tomando por vezes rumos inesperados.

Entendendo o processo civilizador como processos sociais, Elias aponta que “diferentemente dos processos biológicos de *evolução*, os processos sociais são reversíveis” (Elias, 2006, p.28). Podem assim, surgir voltados para um direcionamento, mas tomar rumo completamente oposto ou acontecer simultaneamente. Sob essa perspectiva eliasina dos processos é possível identificar as rupturas quando num período longo, de um estágio para outro, a partir de uma significativa “redistribuição” de poder.

Sob essa ótica, Elias (2006) nos aponta que os seres humanos não nascem civilizados, contudo possuem uma predisposição, que sob determinadas condições possibilitam uma civilização (autorregulação individual). Assim sendo, o processo de civilização ocorre em detrimento dos fatores individuais e dos tipos de interações sociais, sendo a escola um dos ambientes de sociabilização mais presentes na vida dos jovens, um dispositivo a serviço do Estado que prega a formação de cidadãos/ãs, ou seja, a educação e o ensino para o convívio em sociedade.

Uma apresentação de modelos aos quais esse/a discente deve seguir para viver e ser “aceito/a” no meio social, como um cidadão/ã de “bem” que cumpre suas obrigações para com o Estado, sendo ele/a mesmo/a participante ativo desse Estado, “[...] dentre os principais critérios para um processo de civilização estão as transformações do *habitus* social dos seres humanos na direção de um modelo de autocontrole mais bem proporcionado, universal e estável (ELIAS, 2006; p.24) ”. Sabendo que esse processo se dá a longo prazo e não acontece, necessariamente, como planejado ou esperado por aqueles/as envolvidos/as, para nos esclarecer um pouco mais acerca do processo civilizador, Quintaneiro nos fala que,

O processo civilizador é um movimento de mudança de longa duração, não intencional ou planejado pelos indivíduos e grupos que nele participam. Ele não possui um ponto zero, isto é, um começo absoluto, portanto cabe ao sociólogo determinar a partir de que momento e quais os aspectos pretende analisar (QUINTANEIRO, 2010; p.71).

Entender as relações de poder e os processos figuracionais que ocorrem na sociedade à luz de Elias é um passo importante para entendermos essas ações dentro da escola, admitindo que a teoria das figurações e dos processos pode ser

aplicada tanto a grupos relativamente pequenos como sociedades de milhões (Elias, 1990, p.143). Para entender a teoria eliasiana fomos buscar suporte em alguns estudiosos que se debruçam na obra desse autor, e a relaciona com nosso objeto de investigação.

Nesse sentido, Brandão vai nos apresentar, em seu livro “Formação, Educação, e Emoções no Processo de Civilização”, as teorias do processo civilizador e do controle das emoções, como sendo as teorias centrais na obra de Elias. Brandão nos proporciona a ideia, segundo a qual mais do que nos auxiliar, no entendimento da educação moderna, a teoria do controle das emoções, juntamente com a dos processos de civilização, em um conjunto explicativo dos comportamentos psicológicos e sociais existentes em nossa sociedade, nos possibilitam analisar a educação moderna, em seus mais diferentes aspectos, de um ponto de vista que podemos denominar de “olhar eliasiano” (Brandão, 2003, p.114).

As teorias do controle das emoções e do processo civilizador são apresentadas por Elias, a primeira como um conjunto explicativo de comportamentos sociais e psicossociais, sendo também um dos elementos essenciais da segunda, que entrelaça os níveis micro e macro de análise social. Percebemos então, a possibilidade de análise do cenário escolar nessa perspectiva.

No tangente aos sentimentos, como anteriormente citado, a escola é um espaço no qual muitas dessas sensações são evidenciadas e aprendidas, pois como o próprio Elias disse “nenhuma emoção de uma pessoa adulta é inteiramente inata”. (Elias, 2009, p.35). Dessa forma, é também no espaço escolar que essas crianças e adolescentes estão construindo suas emoções.

É nesse período que a criança e o adolescente estão descobrindo e aprendendo como se relacionar com suas emoções e com o outro. Ainda acerca das emoções, na perspectiva de Elias elas possuem três componentes, são eles: comportamental, fisiológico e sentimental.

Perceber as expressões de alguns sentimentos e como eles se manifestam nas relações de poder permitir-nos-á eventualmente entender os conflitos existentes entre os grupos e seus agregados/as, nessa conjuntura que também é composta pelos que não se encaixam ou participam das alianças. Outro ponto que abordaremos é o processo dentro dessas formações coletivas, que estabelece quem são os mais empoderados/as e porque o são; compreendendo os estigmas

indenitários desses grupos presentes na escola, como fator ativo no processo de empoderamento dos mesmos.

Para contribuir com a discussão acerca de poder, convidamos Gebara e Lucena (2011) os quais vão nos apontar que, para Elias, o poder é fruto de relações, logo, não é um fato posto e situado que pode ser isolado, mas algo relacional, inerente às interdependências que se estabelecem na prática social. Percebemos o ambiente escolar como espaço de relações sociais formais e informais. Nossa busca almeja encontrar quais aspectos relacionados ao poder se configuram de forma mais ou menos explícita, para entendimento dos grupos de indivíduos existentes na escola e suas relações de poder tomamos como referencial a pesquisa feita por Elias e Scotson em Wiston Parva, Inglaterra, logo a seguir faremos uma breve explanação acerca de tal investigação.

Nesse estudo feito em Wiston Parva, vamos perceber que as relações de poder e as tensões estão presentes na construção da identidade, sendo essas exposições momentos de afirmação e reforço de uma imagem “conquistada” ou “herdada”. Como então podemos pensar essas relações dentro da escola? Seriam esses estigmas sociais, trazidos pelos discentes de sua vida fora da unidade de ensino, endossados e reafirmados pela conjuntura educacional que é vivenciada no “Carandiru”? Perceberemos que o reforço a essa identidade marginal é sim reproduzido e, por vezes, consolidado dentro da escola, a instituição então funcionando como ‘estabelecida’ e os alunos como ‘outsiders’, ainda que integrantes da mesma.

Gebara e Lucena (2011) vão nos mostrar que Elias apresenta uma possibilidade de analisar as relações de poder entre os grupos estabelecidos em relação a grupos de fora; inclusive nos apresentam características que, independentemente das diferenças culturais do grupo, podem ser percebidas como “regularidades”. São elas: 1- As distinções de status entre os grupos estão enraizadas numa balança de poder desigual. Que grupos seriam esses no âmbito da escola? Como se deu e dá, esse “enraizamento”, de quem é “estabelecido” ou “outsiders”? 2- “O grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção pior”. Ao pensar esses atributos, de que forma seriam eles escolhidos como bons ou ruins menos ou mais dotados de poder, para que os alunos os empreguem? 3 - É difícil para um membro de um grupo outsider resistir ao processo de internalização das características negativas que lhe

são atribuídas pelo grupo estabelecido. Nessa perspectiva, buscamos entender como são atribuídos tais atributos e como eles/as encaram esses indivíduos que não se encaixam no perfil ideal para pertencer à turma.

Acreditamos ainda, que seja possível estabelecer uma aproximação entre Elias e as questões de poder colocadas por Silva (2012). No que se refere à construção da identidade, Elias nos aponta que a identidade é construída também pela diferença e estigmas sociais como foi o caso dos *Outsiders* em detrimento dos Estabelecidos e as configurações dessa constituição passam por disputas de poder. Silva (2012) vai nos dizer que “[...] onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder”. Desta forma, os grupos e indivíduos estão divididos por suas similitudes e diferenças numa relação constante de disputa de poder.

Nessa perspectiva, imaginemos então a paisagem escolar como um espaço que agrega indivíduos não apenas moradores/as da mesma região geográfica, como de comunidades diferentes; dessa forma, também apresentam culturas diversas, não por morarem em bairros distintos, mas por cada um ter suas particularidades e uma realidade sociocultural particular. Sendo assim, nos mantivemos sempre atentos aos momentos de observação para entendermos como se dão os processos de identificação e as relações de poder desses e nesses grupos, quem compõem o lado estabelecido, e quem pertence aos “*outsiders*”; neste cenário de indivíduos recebidos a priori como iguais.

Constatamos através da observação participante, que na comunidade pesquisada existem diferentes grupos, com diversos gradientes de poder dentro e fora dos mesmos, ao falarmos de escola, sabemos que pela hierarquia os alunos estão na ponta dessa “distribuição” de domínios. Poderíamos aqui nos deter acerca dos funcionários/as como estabelecidos/as e dos/as alunos/as como outsiders, tendo em vista que essa é uma relação de poder bastante clara, contudo apesar de em alguns momentos ilustrarmos e até expormos alguns fatos que reiteram essa relação funcionários/as e alunos/as, os nossos interesses investigativos, focaram nos distintos grupos de “outsiders” e seus desdobramentos, sendo tais formações constituídas por alunos/as não havendo participação de funcionários/as da escola nos mesmos. Buscamos entender como esses grupos que são marginalizados, exercem poder de forma a marginalizar outros, e contribuem para a internalização dessa identidade marginal que lhes é atribuída.

O constrangimento característico que as estruturas sociais exercem sobre aqueles que as formam é particularmente significativo. Procuramos dar uma explicação satisfatória a esta imposição, atribuindo uma existência a essas estruturas – uma realidade objetiva que se coloca acima dos indivíduos que as constituem e para além desses próprios indivíduos. A maneira corrente de formamos as palavras e os conceitos reforça a tendência do nosso pensamento para reificar e desumanizar as estruturas sociais (ELIAS, 1970, p.16).

Com essa passagem anteriormente citada, pretendemos deixar claro que os estigmas reforçados pela escola, são praticados por pessoas que fazem parte dos diversos grupos lá existentes, desde os “estabelecidos” aos “outsiders”, entendendo esses dois grupos como grupos heterogêneos internamente, afinal, mesmo tomando os alunos como um grupo “Outsider” em detrimento dos funcionários, essa classificação é uma constatação feita à primeira vista, a medida que fomos vivenciando o cotidiano desta escola e percebendo os diversos grupos nela existentes, evidenciamos também a divisão entre os//as próprios/as alunos/as, podendo assim dizer que temos sim os “estabelecidos e outsiders” entre os discentes desta escola, com diversos gradientes de poder.

Para contemplar o entendimento desses níveis de poder, apresentaremos mais à frente os registros de nossa pesquisa, evidenciando as demarcações territoriais e o exercício de poder através das pichações nas paredes, carteiras e portas da escola. Para compreensão dessas relações sociais e suas interdependências, passamos pela apreciação do que é função.

O conceito de função deve ser compreendido como um conceito de relação. Só podemos falar de funções sociais quando nos referimos a interdependências que constroem as pessoas, com maior ou menor amplitude. Este elemento de coerção pode observa-se nitidamente na função desempenhada por cada grupo tribal enquanto inimigo recíproco (ELIAS, 1990, p.84).

Nas nossas observações foi evidenciado que os grupos existentes nesse cotidiano se utilizam da coerção verbal, e da comunicação por meio das inscrições nas paredes, para demonstrar sua liderança e se afirmar como grupo dominante em detrimento de outro. Essa afirmação se constitui como um elemento representativo na construção das identidades, sabendo que:

[...] podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2012; p.96,97).

Assim entendemos que, como Elias, Silva nos oferece a ideia do processo, para a constante formação da identidade e sua proximidade com os exercícios de poder.

1.2 FIGURAÇÕES DO PROCESSO - DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS

É pensando nessa perspectiva das emoções e da construção da identidade por meio das relações de poder que nosso trabalho tomou forma, agora discutindo alguns aspectos metodológicos da teoria figuracional e dos processos que foram utilizados no desenvolvimento da pesquisa.

[...] ciência cuja tarefa central é o estudo dos indivíduos como grupos, das configurações de indivíduos como tais. É estranha a ideia de que indivíduos devem ser primeiramente estudados como elementos isolados e de que as configurações que eles compõem entre si derivam do que são sem elas; tal ideia confunde profundamente as pesquisas sobre tais configurações (ELIAS, 2000, p. 57).

Assim sendo, estaremos sempre a ir e vir, nesse aspecto relacionado aos alunos e a escola, para que os mesmos não sejam vistos e entendidos como dois universos diferentes e, sim, como um ambiente plural cheio de interdependências entre seus membros, essa é uma das características da sociologia processual, entender o indivíduo como pertencente de um todo e as implicações dessa relação.

Desta forma, esse trabalho caracteriza-se como um estudo de caso, nesta escola da zona urbana da cidade de Santa Rita PB, na qual já trabalho como professora faz quatro anos, lecionando Educação Física. Esta pesquisa é uma investigação qualitativa que tem como metodologia norteadora a teoria figuracional e dos processos de Elias, que consiste em analisar o micro sem esquecer suas

conexões e interdependências com o macro, entendendo as ações individuais como pertencentes e interligadas ao todo social.

Apresenta também aspectos de inspiração etnográfica, tendo em vista que a pesquisadora é participante das relações cotidianas da escola no decorrer desses quatro anos, até os dias atuais. Foram observados os/as alunos/as das turmas dos turnos da tarde e da manhã do ensino fundamental II, formados por cinco turmas no período da manhã, duas do sexto, uma do sétimo, uma do oitavo e uma do nono ano e cinco no horário da tarde, uma do sexto, duas do sétimo, uma do oitavo e uma do nono ano.

Como critério para a realização da pesquisa foi feito o pedido à gestão para realização da investigação nessa instituição, momento que aconteceu com naturalidade e ótima aceitação por parte da gestora, que não colocou nenhum empecilho para que nosso trabalho tivesse início. O projeto foi submetido ao comitê de ética em 10 de abril do corrente ano e teve sua aprovação em 09 de julho de 2014; o parecer consubstanciado pode ser apreciado nos anexos.

As relações de poder e a formação de grupos entre os seres humanos é um dado há muito observado. Notemos que o ambiente escolar é composto por pessoas de diferentes faixas etárias, diversas realidades sociais, sendo esse então um cenário propício para a afirmação e formação de grupos e suas manifestações de poder, imbuídos de diversos significados socioculturais.

Qual seria então o papel desses grupos dentro do espaço escolar? Como os mesmos se organizam? Seriam os “cabeças” dos grupos os mesmos de fora da escola? Como esses alunos territorializam os espaços escolares? Entender a dinâmica dessas alianças e das relações de poder que se estabelecem dentro e fora delas tornou-se um elemento fundamental para entender os comportamentos, sentimentos e anseios dos discentes.

Ainda tratamos os indivíduos que frequentam a escola como se fossem um só: homogeneizamos todos/as, pois a partir do momento que entram na escola os consideramos todos como alunos e alunas e, por muitas vezes, esquecemos que cada aluno/a é um ser individual e que vive uma realidade diferente, com interações e perspectivas individualizadas, por mais que façam parte da mesma comunidade escolar e muitas vezes até do mesmo convívio social fora da escola, ainda assim, vão ter comportamentos e percepções distintas.

Partindo da premissa que a escola é um local onde os indivíduos constroem relações de interdependência, exercem e recebem formas de domínio, esse trabalho faz-se relevante, pois levanta questões acerca da exaltação dos alunos diante das aulas de educação física, e mesmo no horário do intervalo, quando estes/as podem soltar suas energias, emoções e expressar-se, de forma mais expansiva, em conjunto com as sensações que estão a vivenciar, dentre elas as impressões de poder, no qual ser membro de determinado grupo traz ou não status e empoderamento.

Foi com a experiência na docência em escola pública, e nos diferentes cenários sociais com os quais tivemos contato, que desenvolvemos o interesse de abordar este tema aprofundando o estudo sobre ele. A realidade escolar apresenta um panorama multicultural e com ele uma diversidade de grupos com disputas e conflitos que apontam para a formação de um sentimento maior ou menor capacidade.

Nós, docentes, muitas vezes não compreendemos os motivos nem tampouco sabemos como lidar com tal situação. Entender como o processo de formação dos grupos e suas figurações de poder acontecem dentro deste ambiente de educação é fundamental para uma docência mais democrática, pois vai nos ajudar a respeitar e entender as necessidades de diálogo não só verbal mais corporal que vivenciamos na escola, podendo assim, almejar uma educação mais plena.

Entender as formações de grupos dentro dessa escola e as relações de poder que se estabelecem nesse cenário é o nosso **objetivo geral**, contamos com alguns **objetivos específicos** que norteiam nosso caminho, sendo eles: refletir sobre o papel dos grupos nesse ambiente, abordar o método de organização dos alunos, entender o processo de liderança e discutir a territorialização desses grupos na escola.

A observação participante foi feita essencialmente, nos espaços das aulas de educação física e nos horários de intervalo, com a utilização do recurso de câmera fotográfica para registro e posterior análise, como fundamentação teórica para investigar e analisar as formações de grupos buscamos suporte na teoria figuracional e dos processos de Norbert Elias, que nos diz:

[...] aprender a observar e conceituar sistematicamente o modo como os indivíduos se agregam, como e por que eles formam entre si uma

dada configuração ou como e por que as configurações assim formadas se modificam e, em alguns casos, se desenvolvem (ELIAS, 2000, p. 57).

A análise figuracional é central em nosso trabalho, entretanto, para analisarmos as imagens e seus significados fomos buscar suporte em outras bibliografias que contemplam esse tipo de estudo, então vamos entender, o que é imagem? Para Schimmit; (2007, p. 12) “Pelo termo imagem, designamos em todos os casos a representação visível de alguma coisa ou de um ser real ou imaginário”. No âmbito da nossa pesquisa evidenciamos fotos que nos mostram cenários reais da escola e seus/suas integrantes, mas foi também possível apreciar rabiscos e territorialização das paredes, portas e carteiras, as quais só fazem sentido a quem está familiarizado com o contexto.

Todas as imagens, em todo caso, têm sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas e ideológica, prestam-se a uso pedagógicos e mesmo mágicos. Isso quer dizer que participam plenamente do funcionamento e da reprodução das sociedades presentes e passadas. Em todos os aspectos, elas pertencem ao território de “caça” do historiador (SCHIMMIT, 2007, p.11).

Nesse sentido, a coleta e o tratamento de imagens nos deram suporte para entender o processo de formação de grupos, e suas manobras de poder nesse estabelecimento, percebendo essas demarcações como fruto do social e do pensamento coletivo de alguns, ressaltando que a contextualização é essencial para essa apreciação, evidenciando a importância do/a pesquisador/a participante, pois só com o convívio quase que diário (três vezes por semana) com essa comunidade, fomos capazes de decifrar algumas siglas que aparecem nas pichações. Os questionamentos e conclusões acerca desse acervo passaram pelo grifo do entendimento rápido sobre iconografia e iconologia:

A iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens [...]”. Como trata de imagens, estórias e alegoria, a análise iconográfica, mais do que experiências práticas, requer uma familiaridade com conceitos e temas específicos que podem ser adquiridos por meio de fontes literárias. (PANOFISKY, 2007, p. 65 apud NUNES; OLIVEIRA, 2010, p.311).

De forma sucinta evidenciamos também a iconologia, que é entendida como: “A análise iconológica se caracteriza pela investigação dos significados intrínsecos, ou de conteúdo. O conteúdo de uma obra pode revelar “(...) a atitude básica de uma

nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica (PANOFISKY, 2007, p. 65 apud NUNES; OLIVEIRA, 2010, p.311)”.

Para darmos conta dessa análise iconográfica/ iconológica, foi necessária uma visita ao significado de pichação, e suas práticas dentro da escola, considerando as mesmas como um fator identificador de grupos, anseios e meio de comunicação.

Assim, ao nos aproximarmos das pichações temos como estabelecer um encontro com a cultura material deixada pelos jovens que vivem o cotidiano escolar. Entendemos que esta é uma forma que eles estabelecem de se objetivarem no contexto escolar, saírem do anonimato, terem visibilidade, expressar suas angustias e ansiedades, suas visões de mundo (MARTINS, 2002 p.57).

Nossa investigação se concentrou nos significados e nos conteúdos que as imagens dos grupos e das pichações nos proporcionaram, tendo em vista os aspectos relacionais das mesmas com todos os indivíduos envolvidos no contexto desta escola. A coleta e a apreciação das imagens foi mais um passo percorrido deste caminho. Traçamos o mesmo, de forma a tentar compreender e esclarecer as figurações que historicamente deram origem a essa comunidade escolar e seu contexto social, na perspectiva de um processo em constante movimento, para então correlacionarmos com os dados coletados e assim chegarmos a uma possível conclusão que esperamos ser relevante, para que possamos dar um retorno positivo que tenha valia para a comunidade pesquisada.

1.3 FIGURAÇÕES: UM PASSEIO À LUZ DA TEORIA ELIASIANA

Entender as formas de poder que se estabelecem no cenário escolar e as suas figurações é um primeiro passo para compreender os arrolamentos presentes na dinâmica do enredo cotidiano desse espaço, tão cheio de heterogeneidade, mas que preconiza uma homogeneidade utópica que reside apenas no ideário daqueles que a planejaram e/ou concordam com tal.

As diferenças e particularidades dos indivíduos são evidenciadas desde o momento em que os mesmos são considerados um ser, nesse caso um ser social, que tem papel e função dentro da sociedade, ao começar a frequentar um espaço

social e de “civilização”, nesse caso específico, escola. Essa pessoa traz consigo toda informação e cultura adquirida até então, contudo as instituições e seu corpo de funcionários em geral tendem a padronizar o tratamento de todos e de todas que adentram como alunos/as, utilizando quase que um “manual” de bons modos e comportamento. “A escola como espaço socializador inculca normas e valores socialmente aceitos, e reprime condutas inapropriadas. Seu êxito pode manifestar-se, por exemplo, a partir dos sentimentos de vergonha e culpa que expressam quem “se forma” neste espaço” (KROTSCH, 2014, p.74).

Acreditamos que tanto o êxito quanto a falta de sucesso podem ser evidenciados na rotina escolar, afinal esse processo de civilização é implantado sem que haja participação do alunado em seu planejamento, sendo essa uma forma de poder evidente.

Vamos compreender um pouco acerca das figurações e do poder na perspectiva Eliasiana, para então retomarmos a discussão sobre as formas de domínio exercidas e vivenciadas nesse contexto social que é obrigatório a todos/as, e que tem como uma das funções, “construir cidadãos e cidadãs”. Elias define o poder como:

Uma característica [...] de *todas* as relações humanas [...] Nós dependemos dos outros; os outros dependem de nós. Sempre que somos mais dependentes dos outros do que estes o são de nós, eles possuem poder sobre nós, quer nós tenhamos tornado dependentes dele pela sua utilização de força, ou pela necessidade de sermos amados, pela necessidade de dinheiro, cura, estatuto, carreira ou simplesmente por excitação (ELIAS, 1992. p.26).

Elias nos oferece a ideia que em todas as situações que envolvem seres humanos há exercício de poder, seja esse apresentado ou exercido de forma bruta, através da violência física, ou através das interdependências vividas pelas pessoas. Essas interdependências são visualizadas nas figurações humanas. Krotsh (2014), nos alerta que a ideia de figuração é central para Elias, e que o mesmo a entende como formas específicas de interdependência entre os grupos e indivíduos.

Quando transportamos essa ideia de figurações e poder para a atmosfera escolar, é perceptível pelo sistema organizacional da mesma que há uma hierarquia, que coloca o aluno no término da escala de poder, ou seja, o educando/a é por muitas vezes entendido/a e tratado/a como uma massa de modelar, que ainda não possui forma estabelecida, ou desejada e que o papel da instituição é “transformá-

lo/a em cidadão/a”, desconsiderando então toda a realidade sociocultural que esses indivíduos trazem consigo, sendo essa uma das características da padronização do alunado, e uma das formas mais evidentes de exercício de poder que a instituição desempenha junto às crianças e adolescentes num intuito de transformá-los/as em pessoas que a sociedade espera que sejam.

Estamos sempre a ir e vir nesse caminho da escola, pois é nele que vislumbramos as redes de interdependência e o exercício do poder que toma forma através das relações que recheiam essa paisagem. Acreditamos que com esses passeios ficará mais fácil compreender e aplicar os conceitos eliasianos.

Estivemos a falar do poder que o Estado exerce sobre esses indivíduos, nesse caso o estado representado pela instituição escolar, vale ressaltar que esses dois órgãos anteriormente citados não são alheios às pessoas, eles também são os indivíduos, ainda assim, dentro desse panorama essa não é a única via que apresenta poder, afinal o poder acontece nas interações humanas, as quais são bastante evidenciadas, entre todos os que frequentam a escola, desde as vivências entre alunos/as e professores/as, alunos/as e demais funcionários/as até as relações entre os próprios/as alunos/as.

Mesmo tendo presente que as forças sociais são forças exercidas por pessoas sobre si mesma e sobre os outros, é ainda muito difícil quando falamos e pensamos, precavermo-nos contra a pressão social das estruturas verbais e conceituais. Estas fazem com que as forças sociais pareçam forças exercidas sobre os objetos da natureza- forças exteriores as pessoas, exercidas sobre elas como se fossem objetos (ELIAS, 1990, p.20).

Aqui procuramos vislumbrar o cenário da pesquisa como uma cadeia de interdependência, sem essas rupturas imaginárias que utilizamos sem nos aperceber que ao falar de escola, por exemplo, falamos de todos e todas que ela frequentam e aos que a circunvizinham, isso numa visão micro de relações, pois na visão macro ela encontra-se interligada a todos os demais indivíduos e sociedade, contudo este trabalho ateve-se as relações de poder estabelecidas dentro deste cenário.

Está aí nesse processo de constante desequilíbrio e homeostase o nosso interesse em entender como ocorre o “efeito líder” de um determinado grupo de estudantes em detrimentos de outros. Para tal entrosamento, faz-se necessário a clareza dos conceitos de figurações e poder apresentados por Norbert Elias ao longo de sua obra.

Nesse caso específico de análise de relações de poder entre grupos, Elias nos aponta um caminho, que nos ajuda a entender e analisar essas simetrias e assimetrias encontradas nas figurações dos grupos, essa teoria nos é apresentada por Elias e Scottson no livro: “Os estabelecidos e os Outsiders” (2000).

Ao pensar nessas características que envolvem os grupos, é possível enxergar algumas situações existentes nessa dinâmica, uma primeira que não podemos descartar é o fato de que as representações de poder que acontecem no espaço escolar são também resultantes de figurações externas à escola e que não podem ser desprezadas, conseqüentemente, não podem ser padronizadas e tratadas como uma única e simples realidade.

Elias nos diz que o conceito de figurações “refere-se à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si e a vários níveis e de diversas maneiras” (Elias, 1992. p.25). Ele ainda aponta que só os seres humanos constroem figurações:

Há figurações de estrelas, assim como de plantas e de animais. Mas apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros. O modo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e sempre co-determinado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos (ELIAS, 2006, p.25).

Portanto, o espaço educacional nos oferece essa teia de ligações, que entrelaça diversos níveis de poder e relações, ocorrendo concomitantemente e que nos oferta uma possibilidade de análise tanto territorial quanto histórica, tendo em vista que as interações desse espaço envolvem a maior parte de seus/as participantes por pelo menos um ano, e cada participação nesse enredo constrói e desconstrói a história desses grupos, sendo assim, um processo relacional de figurações interdependentes.

As ações de uma pluralidade de pessoas interdependentes interferem de maneira a formar uma estrutura entrelaçada de numerosas propriedades emergentes, tais como relações de força, eixos de tensão, sistemas de classes e de estratificação, desportos, guerras e crises econômicas (ELIAS, 1992, p.26).

Essa definição supracitada de Elias acerca de figurações nos fornece a imagem de uma sociedade que está toda imbricada numa relação direta e constante entre indivíduo e sociedade e vice-versa, a qual não há como avaliar

separadamente, pois os dois constituem esse laço de interdependência e figuram juntos uma história processual.

Projetando esse conceito para a unidade de ensino, vamos nos deparar com um sistema educacional maior ao qual essa faz parte, sabemos que dentro desse, cada unidade de ensino terá suas particularidades, pois as mesmas são formadas por diferentes públicos, todavia não podemos negar, nem deixar de lado o laço permanente que existe entre uma pequena escola e as demais pertencentes aquele sistema de ensino.

Trazemos essa ilustração do sistema escolar, com o intuito de desenhar o que seriam as figurações dentro dessa “fatia” que compõe o todo da sociedade. E como devemos enxergá-las sob a luz de Elias, percebendo que os eventos que acontecem no cotidiano, não são estáticos e acabados, mas pelo contrário nessa perspectiva processual de Elias, esses acontecimentos estão sempre em movimento, estão sempre a acontecer. “O conceito de figuração serve, portanto de simples instrumento conceitual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o indivíduo e a sociedade fossem antagônicos e diferentes” (Elias, 1990, p.141).

Elias vai nos guiando para o entendimento das figurações como toda e qualquer relação de interdependência, podem ser elas mais diretas, como no caso do professor/a aluno/a, que ele considera uma figuração de fácil compreensão, como tal conceito pode ser aplicado a um sistema inteiro de educação, como citado anteriormente, nesse caso os segmentos de interdependência são maiores e mais distintos.

Notamos então que sob a ótica das figurações, não podemos apreciar o enredo existente na escola como algo isolado, que está aparte do meio social, havemos então que perceber e tentar compreender essa “fatia” como parte integrante e ativa do restante da “torta”, ou seja, composta de interdependências e relações que acontecem de dentro para fora e no sentido inverso, afinal todos os componentes dessa instituição possuem outros momentos de interdependências em outros espaços do todo.

Dizer que os indivíduos existem em configurações significa dizer que o ponto de partida de toda investigação sociológica é uma pluralidade de indivíduos, os quais, de um modo ou de outro, são interdependentes. Dizer que as configurações são irreduzíveis significa que nem se pode explicá-las em termos que impliquem que

elas têm algum tipo de existência independente dos indivíduos, nem em termos que impliquem que os indivíduos, de algum modo, existem independentemente delas (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 184).

A priori já podemos então entender como danoso ou, no mínimo descuidado, esse olhar uniformizador que a instituição projeta nos seus alunos e alunas, entendemos que não há como preparar uma escola individual e nem é o ponto em questão, o que queremos incitar de fato é um olhar mais atento às necessidades e a luta que vem sendo travada por nossos educandos/as, na disputa de poder dentro do espaço escolar.

Esse desequilíbrio vem acontecendo e, por muitas vezes, tem sido interpretado como indisciplina e violência, esses dois fatores também podem ser visualizados nesse processo, contudo não são os únicos e não, necessariamente, se configuram em fatores negativos, a força muitas vezes é utilizada como recurso para obtenção de um objetivo reconhecidamente justo, não estamos aqui a fazer defesa da utilização da mesma, mas queremos ressaltar que nem todos os eventos violentos são precisamente negativos.

Temos nos espaços de educação, situações de tensão, nas quais os alunos e alunas estão normalmente “convidados” a obedecer, fazer e ser o que lhes dizem. Esse designer de manutenção do status de poder para a instituição já não consegue alcançar, muito menos satisfazer os anseios das novas gerações, que buscam um reequilíbrio nessa balança de força.

Entender os desejos, e o papel ativo desses indivíduos como integrantes da sociedade, como complementares, e não “*outsiders*”, ou seres isolados, é um caminho apontado.

Para Elias à medida que as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas, as interdependências vão mudando (Elias 1897-1990.p.147). Talvez seja esse o ponto em que estamos a passar agora, um reposicionamento de figurações apresentando com elas novas relações de interdependência e, conseqüentemente, nova “distribuição” e ou “conquista” do poder. Nesse aspecto o conceito de figurações nos ajuda também a entender, pois:

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores- não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade de suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um

entrelaçado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou adversários (ELIAS, 1990; p. 142).

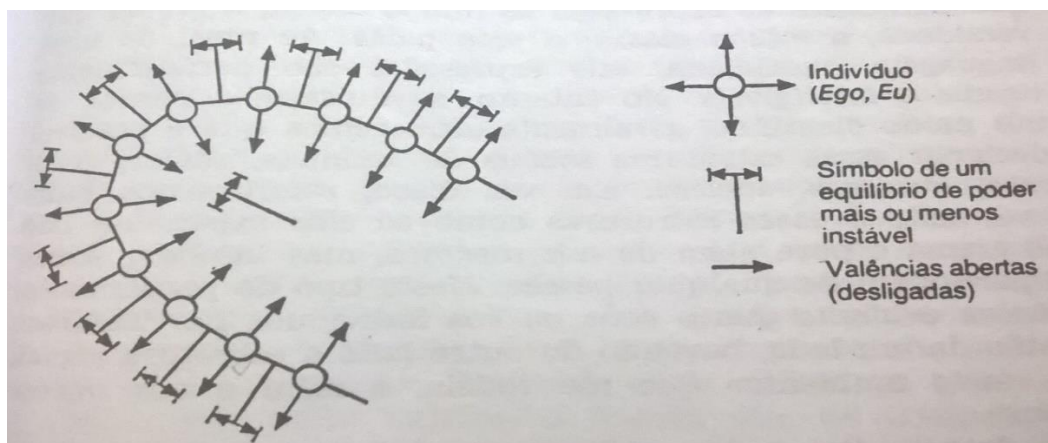
Nas figuras a seguir evidenciaremos distintas representações de relações sociais, a primeira simula um modelo de relações centralizador, arquétipo este que vigora ainda no imaginário de alguns/as do Carandiru, a exposição do mesmo vem para se contrapor ao modo de Elias apresentar as interdependências das conexões entre os indivíduos, apresentada na segunda figura.

FIGURA 3 – Modelo de relações centralizador



Fonte: Norbert Elias, 1990, p.14.

FIGURA 4 – Interdependências das conexões entre os indivíduos



Fonte: Norbert Elias, 1990, p.15.

É possível vislumbrar nas figuras da 3 e 4, cadeias de indivíduos formando teias de interdependências entre eles, mesmo que cada um exerça uma função diferenciada, todos estão interligados por meio das relações sociais estabelecidas.

Evidenciamos um modelo tradicional e centralizador, que Elias (1990) irá chamar de Padrão básico de uma visão egocêntrica da sociedade o qual hierarquiza essas interdependências, tendo em vista que a escola conserva esse modelo de padronização e centralização do poder, em seguida apresentamos o modelo Eliasiano para essas relações, enquanto o primeiro nos faz pensar em cadeias restritas, pré-determinadas, a segunda figura nos mostra as possibilidades de abrangência que as relações podem tomar na balança de distribuição de poder. O primeiro exemplo mostra uma cadeia com valências fechadas, assim a perspectiva Eliasiana nos alerta para o oposto, a possibilidade de fluidez nos equilíbrios e desequilíbrios das disputas de poder.

2 OS GRUPOS E OS GRITOS

FIGURA 5 – Os grupos



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, (2013).

FIGURA 6 – Os gritos



Fonte: Disponível em: <http://coletivoamargem.wordpress.com/tag/grito-rock-2011/> em, 10/09/2014 as 05:09.

“ Nos estereótipos pejorativos do grupo estabelecido, todos eram jogados no mesmo saco (ELIAS, 2000, p. 66). ”

Nessa perspectiva, apresentamos uma unidade de ensino específica do centro e zona urbana da cidade de Santa Rita-PB, como “palco” para apreciação das formações de grupos entre os alunos/as. Esse capítulo faz menção à energia despendida pelo Estado para manutenção da uniformização dos frequentadores e frequentadoras das escolas, essa figuração é muito clara e bastante visível, porém não é a que nos chama mais atenção, pois, a mesma é experienciada por indivíduos diferenciados.

A figuração que nos trouxe a esse caminho compõe as relações dos alunos/as e alunos/as entre si, para uma análise rápida e precipitada poderíamos cair na falácia da standardização e classificar os/as componentes dessa figuração como iguais e detentores do mesmo domínio; porém perceberemos que esse “jogo” não é composto por iguais e com mesmo gradiente de poder, há uma constante busca de *status* e manutenção do mesmo numa disputa que apresenta diversos personagens com os mais variados níveis de capacidade.

Observamos os alunos e as alunas dessa instituição desde 2011. Perceber as continuidades e descontinuidades do processo dos “empoderados/as” parece simples, se visto apenas de dentro: porém o distanciamento e o entendimento de que o indivíduo que está no grupo A ou B pertence também à instituição, é membro também da sociedade como um todo, uma vez que perceber e compreender todas essas ramificações das interdependências é essencial para a aplicação da sociologia dos processos de Norbert Elias.

A maior parte dos grupos evidenciados na escola não são originados na mesma, mas tem sua origem nas comunidades circunvizinhas, onde os alunos/as residem, esses grupos normalmente apresentam uma identidade através de vestuário, músicas e símbolos específicos. Entender a atuação desses indivíduos no espaço escolar requer uma leitura e apreciação desenvolvimentos que os mesmos apresentam fora. Demanda também um olhar mais humanizado, para essas “reivindicações” desses grupos, que em muitas situações são hostilizados e da

mesma forma oprimem, num ciclo vicioso de reprodução do tratamento recebido e repassado.

O intuito é ilustrar as figurações que ocorrem nos grupos que lá existem estabelecidos. Dessa forma, iremos tracejar a seguir de forma sucinta, dois grupos existentes de fora da escola, mas que atuam dentro da mesma, pois seus componentes são também membros da instituição, ou seja, concretamente não há o “dentro e fora”, pois, esses dois itens fazem parte de um todo, daí mais uma vez queremos ressaltar a importância da sociologia processual para fazer a análise desses grupos que ultrapassam os limites inclusive da cidade. “A sociologia de Elias permite-nos superar as dicotomias muito usadas pelo pensamento formal, que distingue como entidades absolutamente independentes, o indivíduo, da sociedade; o sujeito, do objeto; o racional, do irracional” (De Decca, 2005, p.74).

Sob essa perspectiva, as situações que temos mais perceptíveis são as de poder exercido por aqueles que são “líderes” lá fora, e por esse status mantêm-se no comando também dentro do ambiente escolar.

Nesse conjunto temos essas relações, que acontecem dentro da escola, quando algum aluno/a tenta chamar atenção do líder, para ter seu apreço, normalmente essas tentativas são de forma a exercer força e violência contra outro que não se encaixe no grupo mais forte.

Esses eventos de exercício da força e agressões são frequentes e, por diversas vezes, banalizados por alguns componentes do corpo educativo, pois ou ficam com medo ou assumem a postura de que “eles se entendem”. Mantêm, assim, a padronização dos/as alunos/as, bem como a escola como não participante desse “problema” que vem “lá de fora”.

Iremos no capítulo seguinte situá-los/las na arquibancada desse “espetáculo” para que, a partir das nossas observações e pelas análises das imagens possamos entender essas identidades e suas características de poder dentro dos grupos, respeitando o conceito de processo longitudinal.

A ideia é tornar mais claro a apreciação de figurações apresentado por Elias, que se constitui e toma forma em cada relação humana, seja ela mais próxima e simplificada, como as mais distanciadas e complexas que passam e ultrapassam e se fundem às estruturas sociais. Entender as figurações é entender que o indivíduo pertencente à sociedade e esta como parte do indivíduo. Para Elias o indivíduo não só participa do processo, assim como também o é, desta forma:

Assim, um indivíduo pode definir-se justificadamente como uma pessoa que se automodifica, que, tal como muitas vezes se diz, atravessa um processo - um tipo de afirmação semelhante à de <<rio que corre>> e <<vento que sopra>>, como já mencionamos. Embora vá contra os nossos hábitos de discurso e pensamento, seria muito mais adequado dizer que uma pessoa está em constante movimento; ela não só atravessa o processo, ela é um processo (ELIAS, 1990, p. 129).

Tendo o indivíduo esse aspecto processual e relacional, coma sociedade não poderia ser diferente, afinal um não existe sem o outro, há uma constante relação dos indivíduos em diferentes esferas, e esse processo se configura numa sociedade.

Flutuamos, por assim dizer, entre considerarmos o estado de repouso como sendo algo normal e o movimento como um caso especial. Chegaremos a uma melhor compreensão das matérias-primas com que lida a sociologia, se não nos abstrairmos do seu movimento e do seu carácter processual e usarmos conceitos que captem a natureza processual das sociedades em todos os seus diferentes aspectos, como uma estrutura de referência para a investigação em qualquer situação social dada (ELIAS, 1990, p. 126).

Foi nessa perspectiva de constante movimento, que apreciamos as observações e os dados colhidos na pesquisa, entendemos que não está findado, e sim, em contínuo processo. Coube apreciar-nos esta etapa, percebendo-a como um quadro que sinaliza para um espaço tempo dentro de uma galeria em constante crescimento com telas de diversos artistas, que se constroem e se desconstroem a cada exposição.

2.1 OS DE CIMA E OS DE BAIXO: DA ESCADARIA AO CADEADO

Em onze de setembro de 2001, as torres gêmeas do World Trade Center, sofreram um ataque terrorista, no qual dois aviões se chocaram contra as mesmas em Nova Iorque, o atentado foi cometido pela organização de Osama Bin Laden AL Qaeda. Investidos de inspiração nesse atentado, bandidos de João Pessoa criaram duas facções criminosas nos últimos anos a Al Qaeda e os Estados Unidos, que disputam o controle de comunidades da cidade e de toda a região metropolitana. Segundo Alan Murilo Turrue¹, que em 2012 era titular da Delegacia de

¹ Em entrevista concedida ao site <http://www.maispb.com.br/70418/portal-ig-destaca-forca-das-faccoes-al-qaeda-e-eua-e-contradiz-euller-chaves.html>, visualizado em: 06 mai. 2014 11:02hs.

Repressão a Entorpecentes da Polícia Civil, a Al Qaeda surgiu há cerca de doze anos atrás, criada por um grupo de detentos que queriam se estabelecer em determinadas localidades da grande João Pessoa e, para se firmarem, usavam de extrema violência, daí então a identificação com o grupo terrorista. “A ideia da Al Qaeda se alastrou e virou até funk. Eles se inspiraram no Osama Bin Laden e pretendiam realizar ações kamikazes”, diz Turrue (2012). Como parte do processo de identificação dessa nova “gangue” o nome foi adaptado e é escrito “OKAIDA”, quando pichado em muros normalmente é abreviado em três letras “OKD”.

Dois símbolos que também identificam os pertencentes a esse grupo, segundo a polícia é tatuar palhaços (bobos da corte) e chuck, o boneco assassino, (personagem de um filme).

A facção Estados Unidos surgiu depois da “Okaida”, Turrue não tem uma data exata para criação do grupo, porém afirmou que o intuito era fazer oposição aos rivais da Okaida, uma das características do “Estado” como é popularmente chamado é recrutar menores de idade para trabalharem no tráfico de drogas. Os membros do Estado usam como símbolos tatuagens da bandeira americana ou carpas (que também são usadas pelos integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC) organização criminosa de São Paulo). A seguir traremos uma figura para ilustrar os símbolos destas facções.

FIGURA 7 – Os símbolos



Fonte: Disponível em: <http://www.maispb.com.br/70418/portal-ig-destaca-forca-das-faccoes-al-qaeda-e-eua-e-contradiz-euller-chaves.html>, as 06/05/2014 11:02hs

Iremos perceber que esses dois grupos estão presentes dentro da nossa escola no município de Santa Rita, pois os mesmos comandam alguns bairros na cidade, bairros esses que abrigam a maior parte dos nossos alunos e alunas. Notamos também que essa rivalidade das gangues ultrapassa os muros da escola e adentra a mesma.

Usualmente escutamos os/as educandos/as se referirem a um terceiro/a como aquele/a que mora “lá em cima” ou “lá em baixo”. Ao conversar com eles, fomos descobrindo que “lá em cima” são aqueles que moram no Bairro do Alto, especificamente na Escadaria e Onze, são pertencentes à facção do Estado. Já os que moram em “baixo”, no Cadeado e Carolina, pertencem a OKD.

Assim sendo, alguns não podem subir e outros não podem descer, pois a rivalidade entre as gangues não permite, tendo em vista que pela posição que ocupam dentro da hierarquia do local, recebem e fazem ameaças de morte constantemente.

Para situá-los, começemos pela localização do nosso campo de pesquisa que fica no centro, está mais próximo geograficamente do Cadeado e Carolina, ou seja, da localidade supostamente “dominada” pela OKD. Talvez, por isso, em nossos registros fotográficos haja mais símbolos da OKD nas carteiras, quadros, portas e paredes que dos EUA. Contudo pela nossa localização temos alunos/as de diversos bairros da cidade, inclusive pertencentes às duas organizações.

Nos nossos registros verificamos a presença da sigla OKD em diversos espaços da escola, desde uma cadeira, passando pelo quadro da sala dos professores/as, mesinha e porta do banheiro masculino. Essa sigla aparecerá em toda a instituição, algumas com mensagens ameaçadoras àqueles que pertencem ao grupo rival.

Foi fácil perceber que não apenas as tatuagens são ícones de identificação dos grupos. Existem acessórios, vestimentas que, também, são usadas para fortalecer e mostrar a sua identidade como pertencente a determinado segmento. Como por exemplo, podemos citar os alunos/as que se auto intitulam de OKD dentro da escola, os quais usam atualmente uns terços coloridos. Já no ano passado usavam uns pegadores de cabelo, as meninas na cabeça e os meninos na aba do boné. Este fato não significa que todos/as que usam assumem ou de fato são “okadianos/as”, mas naquela comunidade ao aparecer com algum desses adereços,

o indivíduo receberá logo o rótulo por parte dos colegas e de todo o resto da sociedade. Essa etiqueta que lhes é fixada é em muitos casos internalizada, ou seja,

[...] as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro... (HALL, 2012, p.112).

Desta forma, as identidades como pertencentes, ou não, a esses grupos vão se constituindo e se fortalecendo, a partir do olhar do diferente, sendo a escola um espaço que proporciona o convívio e as relações dos diferentes, entre outros. Estes dois grupos (EUA e OKD) presentes neste cenário, conseqüentemente, trazem seus conflitos e disputas que afloram, dentro e fora deste ambiente.

Sob a luz eliasiana, apresentamos aqui dois grupos, os quais são igualmente “Outsiders”, pois afinal, transgridem as leis e a ordem estabelecida pela sociedade, sendo a mesma uma das responsáveis por esse surgimento e crescimento dessas gangues.

[...] grandes sociedades urbanas. Todas elas produzem e reproduzem, repetidamente, grupos de pessoas que se adaptam melhor e outras que se adaptam mal ou não se adaptam a ordem estabelecida e aos papéis prefixados. Muitos adolescentes estavam numa encruzilhada. Alguns eram ou viriam a ser delinquentes, enquanto outros aprenderiam a se enquadrar nos papéis aceitos dos adultos (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 139).

O próprio apelido da escola reforça o estigma marginal dos alunos, pois ao ser encarada por alguns como “O Carandiru”, coloca os alunos/as na situação de infratores/as, que se apoiam na violência para mostrar sua existência. Já tivemos a experiência de escutar diversos relatos de professores/as que não querem de forma alguma trabalhar no Flávio Ribeiro, pois acreditam que lá só tem “meninos/as da Escadaria, do Onze e do Cadeado”, portanto só “noiados” violentos. Assim sendo, esse público já recebe uma classificação prévia que os distingue dos “bons cidadãos/ãs”, apenas pela localidade onde moram.

As vozes e gestos das pessoas ordeiras que os cercavam, inclusive da polícia, ensinavam-lhes desde a infância quão pouco eles e seus familiares eram apreciados. Não havia como extrair muito orgulho e um sentimento de orientação do fato de serem idênticos e identificados como famílias pouco respeitadas pelos outros (ELIAS; SCOTSON 2000, p.143).

Esse trecho supracitado do livro: *Os Estabelecidos e os Outsiders* nos orienta para um entendimento de que a forma como um indivíduo é visto ou em alguns casos “não é visto”, colabora para o modo como o mesmo se comporta. Essa identidade imposta é herdada numa dimensão que Elias vai chamar de herança sociológica e tende a se repetir de uma geração para outra. Isso foi relatado por Elias acerca dos grupos em Winston Parva, e é perceptível nos grupos que evidenciamos na escola.

Notamos em conversas informais que os integrantes assumidos/as das gangues são usualmente filhos/as, sobrinhos/as de participantes da mesma, que normalmente antes de entrarem já recebem o “título”, junto com ele os “benefícios” e o perigo.

Para muitos adolescentes dessas comunidades o “*status*” de pertencer a uma dessas duas facções é o único caminho para ter acesso a garotas (boyzinhas) - no caso dos meninos - diversão, excitação pela aventura de transgredir, reconhecimento e respeito por parte de outros colegas.

É difícil se desvencilhar de uma posição pré-estabelecida dentro do seu meio social, pois entre outras coisas, ali o indivíduo pode ser um “alguém” ter uma identidade dentro de um grupo. Ao negar pertença perde-se esse elo com o meio em que vive então o/a mesmo/a será “outsider” dentro e fora de sua comunidade: pois mesmo não pertencendo às gangues do seu bairro, os que moram em outra localidade continuarão a olhar pra esse indivíduo como morador do Cadeado, Onze, Escadaria. Tal rótulo já lhe foi impregnado e a construção da identidade não acontece autonomamente de forma isolada independentemente da sociedade.

[...] Buscar tateantemente sua identidade individual, seu valor e orgulho pessoais, na condição de membros de famílias tratadas como outsiders é às vezes quase como párias não só pelas pessoas da “aldeia”, mas até dentro de sua própria comunidade. Não raro, para os jovens que cresciam nesse tipo de família, era imensamente difícil escapar da posição de outsiders. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 143).

Desta forma, ser membro de uma gangue, muitas vezes, é a única opção que é ofertada a esses/as adolescentes, alternativa essa em que podem ser notados/as, mesmo que não de forma positiva, por parte do lado “estabelecido” da sociedade. Ainda assim são vistos, fazem-se notar e brigam por espaço.

A escola - nesse caso específico o “Carandiru” - na nossa perspectiva, endossa essa “escolha”, ou a falta de uma, pois no ambiente que é chamado

educativo, vemos todos os dias afirmação e repetição dos dogmas atribuídos aos moradores dessas adjacências. O espaço, talvez o único dentro do nosso sistema social, em que poderia haver esperanças e expectativas de mudança para aqueles que não se identificam com o estigma que lhes foi dado, ou que almejam “entrar” em outros grupos sociais, são tolhidos e “estimulados” a se manterem onde estão.

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar (SILVA, 2012, p.82).

A aquisição ou manutenção de uma determinada identidade acontece em detrimento das diferenças e dos estereótipos que a própria sociedade “cria” para elencar os grupos de indivíduos. O mesmo autor vai nos dizer que, “a identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (SILVA, 2012, p.76).

Entretanto, devemos estar atentos, pois o que é cultural e social é também humano, desta forma temos que pensar, como Elias bem nos alertou ao dizer, “o que pretendemos conceitualizar como forças sociais são de fato forças exercidas pelas pessoas, sobre outras pessoas e sobre elas próprias” (ELIAS, 1970 p.17). Por diversos momentos somos levados/as a pensar na estrutura social como algo que está além do nosso alcance, algo externo.

O constrangimento característico que as estruturas sociais exercem sobre aqueles que as formam é particularmente significativo. Procuramos dar uma explicação satisfatória a esta imposição, atribuindo uma existência a essas estruturas- uma realidade objetiva, que se coloca acima dos indivíduos que as constituem e para além desses próprios indivíduos (ELIAS, 1970, p.16).

Portanto, nossas identidades e diferenças estão inteiramente interligadas com a sociedade, pois são parte complementar de uma rede de relações desde as individuais até as de grupos de indivíduos, que se entrelaçam ganham e dão forma aos aspectos simbólicos e de poder.

Desde os primeiros tempos, os moradores do loteamento foram estigmatizados, na opinião pública da “aldeia”, como uma classe inferior de pessoas. E, por mais que a situação se houvesse modificado, sua rejeição e sua exclusão continuaram a ser partes integrantes da imagem que os “aldeões” tinham de Wiston Parva e si mesmos (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.112).

Da mesma forma que os *outsiders* de Wiston Parva foram condenados a essa identidade, muito dos nossos/as alunos/as passam pelo mesmo crivo por residirem em zonas “dominadas por facções”.

2.2 O “CARANDIRU” E O PODER

Entender o poder na perspectiva eliasiana é se distanciar do equívoco de transformá-lo em um artefato, algo físico que se possa carregar de um lado para outro. Elias nos guia a uma ideia de que “o poder é um aspecto de uma relação, de cada uma das relações humanas” (ELIAS, 1994). Sendo algo que se apresenta nos arrolamentos diários dos seres humanos, iremos aqui ilustrar de forma mais clara possível essas figurações de poder no âmbito desse nosso “Carandiru”. Segundo Elias (1970, p. 81) “o poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas - Os modelos demonstram de um modo simplificado o caráter relacional do poder”.

Já mencionamos, anteriormente, a instituição escolar como detentora do maior poder. Nesse cenário, para exemplificar, vamos então apresentar algumas situações de exercício de poder, dos funcionários para com os alunos/as e entre os próprios alunos/as, sem perder de vista que essas relações estão, de forma direta, interligadas a todos os outros membros da escola e numa esfera maior a sociedade como um todo.

Ao assumir a postura de “uniformizadora”, a escola desempenha em muitos aspectos um papel de repressora e estigmatizadora, para com aqueles/as que a frequentam. Vale lembrar que a mesma não é uma unidade isolada, nem tem vontade própria, pois ela não é no singular. É um conjunto de pessoas que interagem dentro e fora dela, dando corpo e direcionamentos para as atitudes tomadas produzidas e reproduzidas. Não apontamos aqui para uma escola sem normas e regulamentos, pois esses são componentes indispensáveis dos processos sociais vivenciados e pesquisados por nós.

Seria impossível explicar conflitos sem normas, se estes não tivessem qualquer estrutura e, nesse sentido qualquer ordem. A

distinção entre ordem e desordem, tão significativa para as pessoas envolvidas nestes fenômenos, sociologicamente falando não tem qualquer significado. Entre os homens tal como na natureza, não é possível o caos absoluto (ELIAS, 1970, p. 82).

A escola apresenta um modelo estrutural de ordem, possuindo uma hierarquia entre seus funcionários, desde os gestores/as, passando pelos supervisores/as e orientadores/as, o corpo docente, o pessoal técnico e de apoio, por fim chegando aos discentes. Sabemos que o balanceamento nesse gradiente é mais equilibrado entre os funcionários e os que detêm o menor percentual de poder são os alunos/as.

Nessa escala de força notamos que os alunos/as são o elo mais fraco, estão na ponta. Além do rótulo que carregam, ao chegarem no “Carandiru”, são recebidos e tratados por muitos integrantes deste ambiente como “sem futuro”. Como se não bastassem todos os preconceitos com que já lidam, precisam encontrar uma forma de mostrar sua identidade ali também, pois afinal, eles/as chegam “invisíveis e padronizados”. Procuram lá acolhimento e reconhecimento que, muitas vezes, não encontram em casa, terminam por se frustrar e em alguns casos se revoltar.

[...] as frustrações da infância e da adolescência eram compensadas por um sentimento de pertença e de orgulho pelo próprio grupo. Os jovens estavam muito mais aptos que os do loteamento a fazer uma ideia do lugar e da posição que ocupavam em relação às outras pessoas; eram mais capazes de ter uma imagem de sua identidade como indivíduos em seu contexto social (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.141).

Elias retrata como os jovens outsiders de Winston Parva reagiam diante das situações adversas. Dentro do “Carandiru”, a afirmação de pertença aos grupos de suas comunidades lhes traz uma sensação de empoderamento, com isso uma forma de ter uma maior autoestima e lidar com as situações a que são submetidos/as.

Em virtude disso, também, se estabelecem as hierarquias entre os alunos/as, que, até onde pudemos perceber, seguem dentro da escola uma tendência à mesma ordem da comunidade onde vivem, ou seja, quem tem mais apreço fora o tem também no espaço estudantil. Para ilustrar citaremos um episódio ocorrido no início de 2015.

Evento: A Apropriação

Dois amigos que estudam no Carandiru, são aclamados pelos colegas por “dominarem o Cadeado” (comunidade dominada pela OKD, segundo os/as alunos/as), ou seja, estão numa posição de maior poder na localidade em que vivem

(Cadeado). A eles atribuiremos nomes fictícios de João (16 anos) do nono ano e Pedro (15 anos) do quinto ano. Pela fama que os mesmo têm fora, está atribuí poder também dentro da instituição. Certo dia, em meados de julho de 2015, um burburinho se espalhou na escola, que estes dois alunos haviam executado um rival de facção. O fato ocorreu fora do estabelecimento de ensino, mas na semana em questão não se falava em outra coisa. A história se confirmou com a notícia da apreensão dos meninos e encaminhamento dos mesmos para o Centro Educacional do Jovem (CEJ) em João Pessoa. Logo uma terceira pessoa surgiu nesta cena, Paulo (12 anos) do sexto ano, irmão do João, passou a assumir a autoria desse ato, para se afirmar, impressionar e mostrar sua pertença a este grupo e exercer poder sobre alguns/mas colegas. Contava a história com bastante orgulho: “Fui eu que arranquei a cabeça dele e não meu irmão!”, deixando claro que ele e seu grupo oferecem risco, impondo um grau de poder sobre os/as demais.

Como dito, anteriormente, os grupos que “dominam” as comunidades circunvizinhas do “Carandiru” são o Estado e a Okaida, significa dizer que essas também são as lideranças por parte dos alunos dentro da escola.

Pode-se ver nos registros fotográficos que o nome e a sigla OKD aparecem em maior número que a do EUA. Não temos a intenção de mensurar quantos adeptos tem cada facção, estaremos sempre a fazer referências às mesmas, pois elas se apresentam como um *status* de valor determinante nas relações de poder que é nosso foco de interesse investigativo.

Nas nossas observações, percebemos algumas lideranças, com os quais já tivemos algumas conversas informais e formais. Eles/as ficam mais à vontade quando a conversa não tem cunho formal, por ter um convívio regular com eles/as, então por muitas ocasiões, os próprios/as sentam-se e conversam abertamente, nos horários das aulas de Educação Física, o qual a turma tem mais espaço para se dispersar.

2.3 A TURMA QUE DOMINA

Em 2014, notamos algo que ainda não tínhamos observado no público do “Carandiru”, a saber: o fato de usarem o termo “dominar”. Não sabemos ao certo

ainda se por influência das facções que se utilizam desse termo no sentido de “dominar as áreas”, ou apenas por achar que podem conseguir um espaço maior dentro da paisagem escolar. Cabe a nós lembrarmos que as agitações são componentes da construção do processo educativo, e que temos nossa função como educadores/as nessa ação, pois,

[...] educação e formação não se realizam sem conflitos. Encarar os conflitos, não retroceder no exercício e no reconhecimento do papel responsável de educador nos espaços privados (família e grupos de amigos) e públicos (supermercados, restaurantes ou na rua) exige coragem de agir consequentemente, mesmo sob o olhar de expectadores (CUNHA, 2008, p.253).

Esses conflitos surgem desde questionamentos acerca do planejamento de atividades direcionadas para este público, sem que sejam consultados e possam opinar sobre o que será desenvolvido durante o ano, tendo em vista que nos planejamentos pedagógicos não há participação dos discentes, ou seja, eles recebem a estrutura dos conteúdos que terão que desenvolver e como o farão. As normas de vestimentas e comportamento são igualmente estabelecidas e repassadas aos alunos/as, essas regras variam de acordo com a gestão do Carandiru. A seguir faremos um breve relato sobre uma tensão que se estabeleceu em 2013, momento que os alunos/as se rebelaram contra as regras a eles/as impostas.

Evento: A Rebelião

Aconteceu em 2013, momento em que tivemos uma gestão quase que ditatorial, que mantinha a “ordem” por meio do “medo”, pois o senhor que estava no cargo de gestor, mantinha uma postura bastante intransigente e não aceitava conversar com os alunos/as. E como cada gestão traz suas regras para o Carandiru, essa em questão havia proibido os alunos/as de andarem nos corredores, não podiam sair nem para tomar água ou ir ao banheiro, exceto no horário do intervalo (gostaria de lhes apresentar essas regras por impresso e em anexo, contudo a realidade que vivemos nesta escola é de uma mudança constante de direção, quase todo ano, algumas vezes mais de uma vez no ano, e são indicações dos prefeitos. Esses mesmos/as gestores/as não fazem suas normas por escrito, apenas as apresenta em reunião de forma oral). Foi nesse período que parte dos discentes se revoltaram e realizaram algo que eles/as intitularam de rebelião. Em uma manhã

antes do início das aulas, empilharam diversas cadeiras nas entradas dos corredores para impedir o acesso dos professores/as às salas, alegavam que queriam ser escutados, para discutir a rigidez das regras com a direção e está se recusava a ouvi-los.

Neste caso acreditamos que parte da “educação” ofertada pelo Flávio Ribeiro, estava simplesmente a reproduzir uma ideologia de dominação, que tanto exerceu poder, a ponto de cansar e indignar algumas e alguns, que resolveram agir e manifestar a necessidade de um espaço de expressão e direitos para eles/as.

O fato é que eles/as amontoaram várias cadeiras nos corredores de forma a não ter como acessar algumas das salas, causando assim atraso no início das aulas, desprezo por parte de alguns/mas funcionários/as, mas o mais importante: espaço para serem ouvidos. Segundo os autores/as dessa reivindicação, essa foi a forma alternativa que encontraram de serem vistos, pois falar não fazia diferença, uma vez que, quando tentaram aparecer pela fala, não foram “escutados/as”.

Agora pensemos: que escola é essa a qual não consegue estabelecer diálogo com seus educandos/as? Faz-nos pensar de fato que o título de “Carandiru” é mais que adequado, para um ambiente em que as pessoas são em sua maioria taxadas e tratadas como marginais, quando deveriam ser recebidas, sem preconceitos e terem possibilidades de exercerem a sua cidadania, por meio da educação, que seria um dos poucos meios viáveis para esses/as cidadãos/ãs.

Começamos a entender os significados que envolvem esse apelido e o peso que o mesmo traz para aqueles que moram no Alto, Escadaria, Onze, Cadeado e Carolina. É como se para quem é de “fora” não existisse uma única pessoa decente e de bem, nem mesmo com potencial de sê-lo.

Já que são sempre vistos como mal-educados/as, esses/as alunos/as recorrem à violência, como meio para a conquista de atenção e visibilidade, da mesma forma, impetram e enraízam a fama de malfeitores e delinquentes. Faz-se então um questionamento: Quem é de fato o malfeitor dessa situação, em uma escola que promove a segregação e “obriga” seus alunos/as a se utilizarem de práticas violentas para serem percebidos?

Fica difícil enxergar a educação como “libertadora”, quando na verdade boa parte dos/as agentes responsáveis por facilitar essa “libertação”, por meio do conhecimento, estão presos/as numa realidade mesquinha. Pior que estarem presos/as é aprisionarem uma geração de cidadãos/ãs num panorama sem

expectativas, cheio de preconceitos e rótulos, os fazendo internalizar que são “outsiders” e que a violência e a transgressão são tudo que lhes sobra, colaborando para que os mesmos/a assumam esse papel e, assim, reforcem e mantenham esse estigma.

Essa sim é uma forma de poder bastante clara e terrível que figura muitas das relações que ocorrem no “Carandiru”. Nesses quatro anos de observação essa foi a manifestação de poder que mais nos chamou a atenção, e com certeza a que mais causa indignação nas crianças e adolescentes que figuram esse espaço.

Evidenciamos que a escola não é o único órgão a exercer e entrar nessas figurações de poder; assim sendo, ela não é a exclusiva responsável pela internalização e “aceitação” dessa identidade “outsider”, mas percebemos que para os discentes há uma importância relevante da instituição de ensino em suas vidas.

Julgamos ser necessária sim a apreciação da cultura local, porém não devemos perder de vista o que seria de fato valioso e produtivo no cotidiano desses indivíduos, com uma mera conservação de *status* que os mantem sempre a margem.

Nessa conjuntura devemos enxergar a escola como um espaço plural, que trate a diversidade com respeito e como meio para se aproximar dos/as alunos/as, não como “ferramenta” de afastamento e exclusão. Mesmo a instituição escolar exercendo um papel como responsável, também, por essa “fixação da identidade outsider”, e atuando por diversos momentos de forma arbitrária, mesmo não possuindo uma estrutura ideal, e atuando em desacordo com os interesses do alunado, verificamos que, ainda assim, ela representa um espaço de fundamental importância para o cotidiano dessas crianças e adolescentes e que a maioria delas aprecia a estadia na escola.

Percebemos a importância que a escola tem na vida dos indivíduos que a frequentam, pois, estes mesmos, ao reclamarem e afirmarem que a escola precisa ser melhorada, afirmam também que preferem estar na escola que em casa. Ao longo desses quatro anos presenciamos algumas expulsões de alunos da instituição e percebemos o empenho da maioria deles em permanecer no estabelecimento, contudo a decisão final cabe sempre àqueles/as que estão à frente como gestores/as e normalmente essa deliberação é feita sem que esse aluno/a tenha espaço para diálogo.

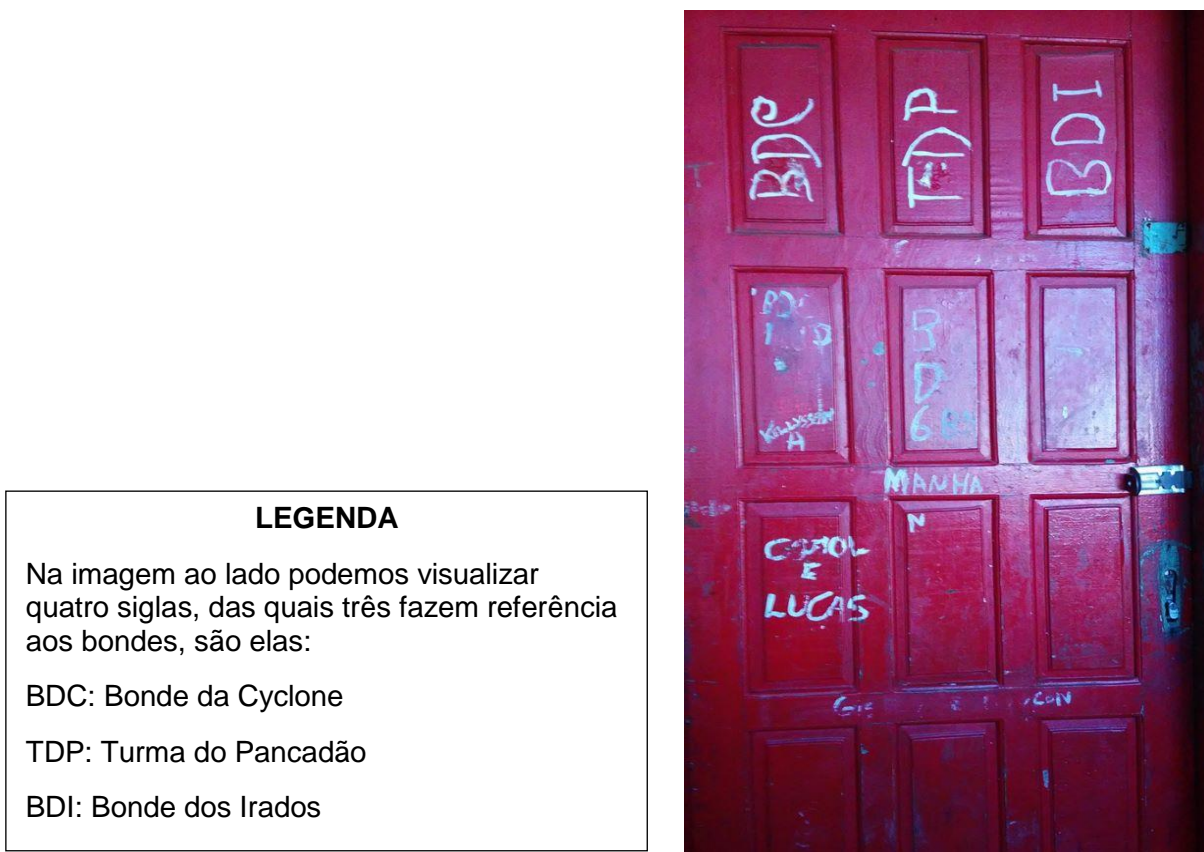
Dessa forma, o exercício de poder vai causando indignação e provocando algumas manifestações, como a anteriormente citada. O que fica claro é que o espaço escolar é um ambiente de desejo, não é o ideal, mas é um lugar em que essa turma aprecia estar, contudo o conteúdo e o tratamento que usualmente recebem não lhes interessam nem agradam. Após esse evento “rebelião”, os alunos/as que estavam envolvidos/as, sentiram-se de certa forma empoderados e começaram a usar o termo “Dominar” ao dizer que quem dominava a escola agora eram eles/as.

Evento: A dominação

Era uma segunda-feira dia 18/08/2014, quando no horário do intervalo, um aluno do sétimo ano (a quem chamarei de Manoel) foi tirar satisfação com outro do quarto ano (José), pois, o mesmo supostamente havia jogado o caderno do colega no chão, fato este que aconteceu no dia anterior na praça em frente ao Carandiru. Os dois se insultaram e começaram então a se agredir, logo, os corredores da escola estavam repletos de alunos/as. Manoel como pertencente ao mesmo grupo da “rebelião”, logo recebeu auxílio dos “parceiros/as”, como eles/as mesmo se tratam. José ficou então em desvantagem, apanhando bastante, até que os/as professores conseguiram separar e socorrer o José que sangrava bastante pelo nariz. No mesmo dia o pai do José esteve na escola e ameaçou de morte aqueles que haviam batido em seu filho. Os envolvidos nesse ato ficaram ainda mais “famosos” como aqueles que dominam e mandam na escola, e o José que apanhou dos demais, acabou por pedir transferência para outra instituição.

Neste evento fica evidenciado que os acontecimentos de fora interferem de forma ativa o andamento e os conflitos que existem no espaço escolar, corrobora também para o sentido de pertença a determinado grupo. E, como essa parceria vem imbuída de poder esse *status*, muitas vezes, atraem aqueles/as que ainda não estão engajados em uma gangue, ou como dizem no “Carandiru” os “Bondes”, inspirados nos funks. É comum o uso do termo bonde para indicar um grupo, normalmente os bondes aparecem em siglas nas paredes e carteiras.

FIGURA 8 – A Porta



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Nesta representação fotográfica vê-se uma porta cuja quantidade de trancas nos permite perceber uma série de possíveis arrombamentos, uma vez que o trinco original se encontra quebrado, assim como o superior, restando apenas um terceiro colocado entre eles, o qual é feito com material de ferro e apresenta um suporte para colocação de um cadeado. Começamos a análise por estes aspectos, por considerar que nestes apresenta-se um atenuante da demarcação desta violência a qual é também vista nas demarcações de siglas dos subgrupos, dando também espaço a marcações individuais, como possivelmente lê-se o nome de um aluno no segundo retângulo da primeira coluna, bem como representações de casais que surgem neste contexto, tais como "Carol e Lucas". Por fim, vemos também uma marcação quanto ao turno manhã o que em suma não nos apresenta como tendo relevância visto que não há nenhuma adjetivação ao termo.

Esses bondes e turmas são os subgrupos que se formam e se apresentam dentro da escola, contudo os mesmos estão diretamente ligados aos externos EUA e OKD; mostram sua capacidade de territorialização e identificação, por meio das pichações no interior da escola. Participar destes grupos é algo que muitos/as

anseiam e para isso até se submetem a testes, desde gasear aulas, jogar peteca nos/as professores/as, fumar um cigarro na escola até ter que defender alguém do grupo para mostrar sua lealdade e desejo de ser integrante do mesmo.

Como dito anteriormente a nomenclatura desses grupos dentro da escola ocorre, também, por influências dos MC²'s e suas letras com apologia às facções e suas disputas. A seguir podemos visualizar o *print* de um site musical, que nos foi indicado pelos/as alunos/as.

FIGURA 9 – A trilha sonora



Fonte: Disponível em:

[http://freemp3now.net/catalog/MC%20GASPAR%20%20OKAIDA%20DE%20SANTA%20RITA%20\[RECADINHO%20PARA%20OS%20COMEDIAS\]%20\(\(DJ%20OZAMA%20O%20TERRORISTA%20DAS%20PRODU%20D0%93%E2%80%A1%D0%93%E2%80%A2ES\)\)](http://freemp3now.net/catalog/MC%20GASPAR%20%20OKAIDA%20DE%20SANTA%20RITA%20[RECADINHO%20PARA%20OS%20COMEDIAS]%20((DJ%20OZAMA%20O%20TERRORISTA%20DAS%20PRODU%20D0%93%E2%80%A1%D0%93%E2%80%A2ES))). Acesso em: 16 jun. 2015.

No título do site já evidenciamos a provocação para quem não é desta facção, dizendo: “Recadinho para as comédias”, instigando, assim, um atrito e abrindo o espaço para um revide, uma resposta, que pode vir em forma de música e/ou violência física.

A ideia em mostrar esse site, que nos foi indicado pelos/as indivíduos da pesquisa é expor que há uma relação direta e fácil de ser evidenciada nas siglas encontradas nos títulos das músicas e nas paredes e carteiras da escola. Não nos

²MC é um acrônimo de **Mestre de Cerimônias**, que se pronuncia "eme ci". Um MC pode ser um artista que atua a nível musical ou pode ser o apresentador de um determinado evento que não está necessariamente ligado a uma manifestação musical.

coube, neste momento, analisar as letras dessas composições, por mais que tenhamos escutado algumas delas para contextualizar com seus títulos e com os jargões utilizados no cotidiano da instituição.

3 “A VOZ” “A VEZ” ... O QUE CONTAM AS PAREDES

FIGURA 10 – Os narradores



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2015).

FIGURA 11 – A competição



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Muitos desses jovens mais rebeldes, inclusive os que não eram presos, multados, mandados para a cadeia e chamados de “delinquentes”, pareciam esbarrar nos muros da prisão invisível em que viviam, gastando suas energias na tarefa de chatear e provocar todos aqueles que lhes davam a vaga sensação de serem seus carcereiros, numa tentativa de escapar ou de provar a si mesmos que a opressão era real (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.141).

FIGURA 12 – Banho de sol



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2015).

No “Carandiru”, os muros e as grades se tornam visíveis e palpáveis, com a finalidade de proteger o patrimônio da instituição e evitar que os/as educandos/as saiam da mesma sem autorização prévia, ou seja, funcionam como meio de aprisionar e controlar. Percebemos que o espaço ofertado para as práticas de lazer e recreativas são bastante restritas.

Desta forma, o espaço físico exerce um papel de limitador da liberdade de expressão e movimentos, contribuindo para os eventos de reivindicação, desde aqueles organizados como o evento “A rebelião”, até as práticas de pichação e exercício da força. Esse molde físico imposto aos discentes, com o intuito de acomodar e conformar, acaba por tomar rumo oposto, inquietando e servindo de subsídio para explosões de conflitos.

3.1 A TERRITORIALIZAÇÃO DO “CARANDIRU”

Como já apresentamos, anteriormente, os grupos rivais EUA e OKD são externos a escola e até mesmo a cidade. Desde seus surgimentos eles vêm dominando alguns bairros da região metropolitana de João Pessoa- PB. Nesses bairros parte da área de conquista são as escolas, fato evidenciado no cotidiano de quem está presente nesse cenário e ratificado pela comunidade de outros campos de atuação. Isso pode ser visualizado nas manchetes de jornais, abaixo, que abordam essa ascendência das facções dentro das escolas.

FIGURA 13 – A notícia



Fonte: Disponível em:

<http://24horaspb.com/Portal/home/esportes/cotidiano/item/13092-pm-reforca-policimento-nas-escolas-e-anuncia-whatsapp> . Acesso em 05 ago. 2015.

FIGURA 14 – As facções

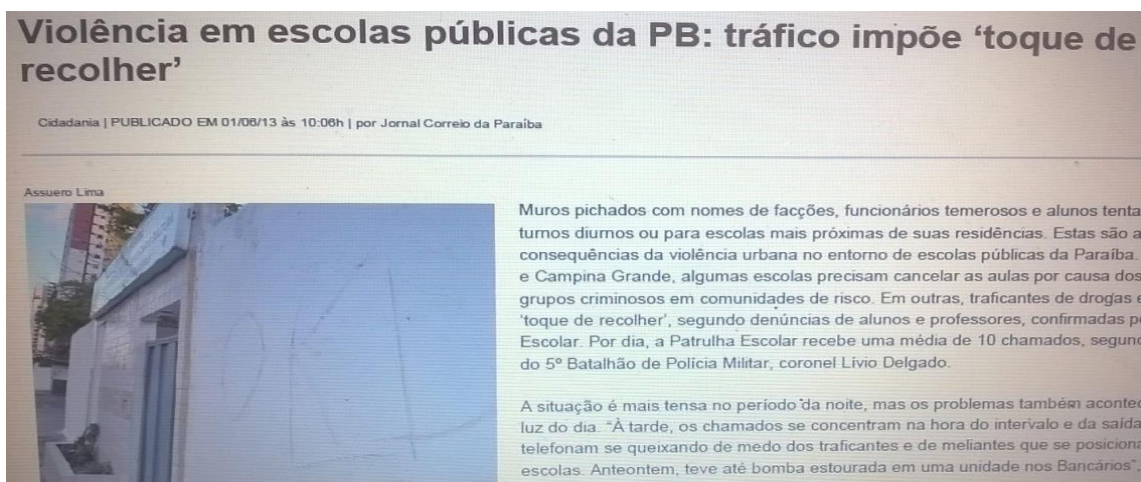


Fonte: Disponível em:

<http://24horaspb.com/Portal/home/esportes/cotidiano/item/13092-pm-reforca-policimento-nas-escolas-e-anuncia-whatsapp> . Acesso em 05 ago. 2015.

O primeiro jornal chama atenção por trazer em seu anúncio principal, o domínio das gangues nas escolas de João Pessoa, já deixando explícitos os nomes destas, que como evidenciamos em nossa pesquisa são as mesmas encontradas nos escritos das paredes do “Carandiru”. Na segunda matéria, notamos ao fundo, a pichação da mesma sigla grafada por diversas vezes e locais no nosso cenário. O mesmo conjunto de letras torna a aparecer nas paredes de escolas citadas em duas outras matérias de jornais.

FIGURA 15 – A sirene



Fonte: Disponível em:

<http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/cidades/cidadania/2013/06/01/NWS,224730,4,96,NOTICIAS,2190-VIOLENCIA-ESCOLAS-PUBLICAS-TRAFICO-IMPOE-TOQUE-RECOLHER.aspx> Acesso em: 03 jul. 2015.

FIGURA 16 – O Medo

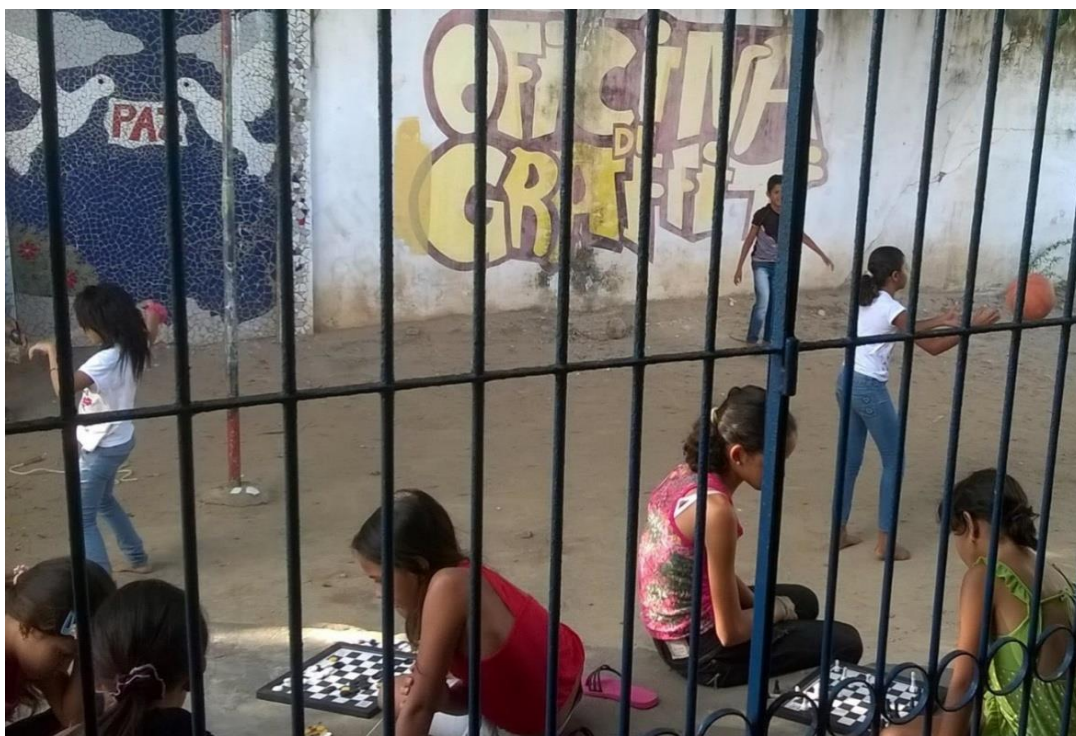


Fonte: Disponível em:

<http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/cidades/cidadania/2013/06/01/NWS,224730,4,96,NOTICIAS,2190-VIOLENCIA-ESCOLAS-PUBLICAS-TRAFICO-IMPOE-TOQUE-RECOLHER.aspx> Acesso em: 03 jul. 2015.

Em todas as reportagens a sigla aparece em meio a referências ao medo, terror e influência que as gangues exercem no cotidiano escolar. Sendo a pichação uma forma de representação e afirmação da presença e domínio desse território, a seguir apreciaremos e apresentaremos as análises das grafias nas paredes do “Carandiru”.

FIGURA 17 - Cárcere



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Embora esta imagem (Fig.17) apresente muitos elementos a serem analisados, algo nos despertou interesse, para além das grades e das atividades exercidas pelos alunos, há ao fundo duas representações mais distintas de expressões artísticas. A primeira formada pelo mosaico sobre o qual monta-se um painel clássico, no qual duas pombas carregam a palavra “paz” em um cenário que transmite serenidade e ao lado desta “tela”, surge numa parede não tão branca assim, a expressão “oficina do graffit” a qual evidencia um projeto antigo, porém que não houve continuidade nesta escola, que consistia em ensinar os/as alunos/as a arte da grafiteagem em detrimento das pichações.

A grande distinção para os pensadores deste projeto seria a de que a grafiteagem, enquanto arte, apresenta um acabamento melhor concretizado, letras preenchidas de formas diferentes e sombreadas. Já a pichação, por ser realizada sem o consentimento, seria caracterizada pelos traços precisos, porém, sem

nenhum acabamento mais definido. O projeto visava, também, minimizar as ocorrências de pichações na escola. Tentativa esta que não obteve êxito.

FIGURA 18 – Disputa de poder



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Aqui na figura 18, vê-se uma parede (especificamente de uma sala de aula, que funciona atualmente – 2015 - como sala de recursos, mas até o final de 2014 era sala de aula regular) com demarcadores que à primeira vista podem sugerir terem sido feitos pelos/as mesmos/as autores. No entanto, o OKD, B.D.F. e os dois desenhos que simbolizam armas abaixo do OKD foram pichados num primeiro momento, demarcando seu espaço nesta sala de aula, em virtude da rivalidade ao grupo oponente, EUA, se representou de forma a ameaçar seus rivais, lemos "Casador de Estado" (em referência a facção dos Estados Unidos). O "casador" aqui faz referência ao pertencente a tal facção, se ele/a é "casador de estado" significa dizer que está associado ao grupo, portanto, aponta duas outras armas para a OKD, como forma de ameaça e mostrando que ali o grupo "EUA" também domina. Esse símbolo que parece um e, entre as representações das facções, nos sugere ser a tentativa apressada de desenhar um peixe (nesse caso uma carpa) que é um dos símbolos do "EUA".

Outro aspecto perceptível é que uma das armas do lado OKD, faz analogia ao órgão genital masculino, afirmando o poder de ser homem dentro desse grupo, assim nos incitando, a posteriormente, discutir as relações de poder entre os gêneros nesses grupos.

FIGURA 19 – Fragmento da figura 18



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

FIGURA 20 - Afrontas



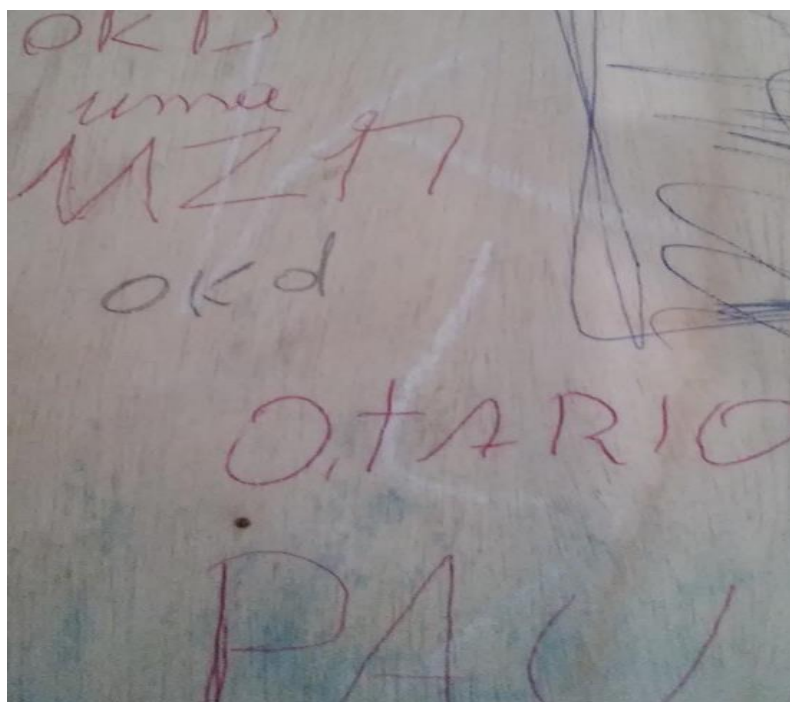
Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Nesta figura (Fig. 20) apresenta-se uma parte de uma carteira com uma frase acima "aki é Estado moi de tomador", o que denota ser a representação de que aquela área é, portanto, dominada pelos EUA - Estados Unidos e que neste caso a OKD, estaria em situação de desvantagem visto que aquele espaço estaria demarcado como predominando a facção rival. Os traços com os quais a marcação é realizada denotam uma preocupação em que estes sejam feitos de forma

aligeirada, porém com pretensão de que haja destaque, uma vez que há traços recorrentes a fim de acentuar a escrita das letras. Também é notório não haver preocupação com o padrão da norma culta da língua portuguesa visto que para este grupo prevalece o princípio da comunicação, em que uma vez sendo compreendida a mensagem, num dialeto que lhes é bastante peculiar, o objetivo da demarcação fora assim alcançado com êxito. Fica clara também a disputa desses espaços, pois logo abaixo do "aki é Estado moi de tomador" aparece a sigla do grupo rival feita com letras em tamanho grande, na intenção de ocupar o maior espaço possível e em resposta a provocação do EUA.

Ao fazermos um recorte de um fragmento desta imagem percebemos que chega a ser quase uma conversa, por meio das carteiras, o EUA volta a provocar com "OKD uma MZR". Notamos que a forma de comunicação do EUA nessas pichações tende a ser mais agressiva e provocadora. A imagem já representa neste caso uma oposição ao *status*, de poder conferido a okd, uma vez que a mesma recebe adjetivos pejorativos tais com a sigla da palavra "mizera" (em referência ao estado de miséria), bem como é também adjetivado de otário e de pau na tentativa de provocação por parte da facção rival.

FIGURA 21 – Fragmento da figura 20



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

3.2 BANHEIROS: ESPAÇOS DE FUGAS, DISPUTAS E RELAÇÕES DE PODER

O banheiro é um lugar que confere ao aluno/a, ainda que por um breve momento, uma sensação de poder, de espaço a manifestar-se a delimitar suas identidades, e assim quando ninguém aparentemente o/a está vendo ele/a faz do seu lápis, caneta, tinta, e/ou corretivo a sua arma ou o seu instrumento de expressão, evidenciamos também nas fotografias que os símbolos e motivos grafados nas paredes e portas se diferenciam bastante entre o toalete feminino e masculino.

FIGURA 22 – Demarcação



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora 2015(Banheiro Masculino)

Na imagem acima, mais uma vez, vemos o demarcador da facção OKD, porém, o que destacamos é a expressividade e o tamanho das letras, uma vez que quanto maiores ou mais visíveis forem, estas denotam ainda mais riscos aos sujeitos que a escreveram, conferindo-lhes, ainda mais prestígio (entre os seus) por realizarem tal ato. E conferindo a esta parede um ar de propriedade desta facção, um espaço que é dominado por aqueles que a seguem.

FIGURA 23 - Contornos



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora 2015 (Banheiro Masculino)

Ainda no banheiro masculino, lê-se de cima para baixo as siglas que se referem aos termos "mizera", okd (a facção) e abaixo "noiz é". O que nos permite compreender da seguinte forma: "Mizera (tentativa de interpelação) nós somos da AlQuaeda (facção representada pela sigla OKD). Cabe ressaltar que as tintas das letras escorrem, sugerindo um acabamento aligeirado, mais uma vez caracterizando a forma apressada e coagida com as quais estas marcações são realizadas. Há no canto direito da imagem marcas de sujeira de tinta, porém sem nenhum significante aparente, massa podendo ser uma expressão contra o picho da OKD, uma tentativa de sujar, borrar a marcação desta, ou uma demonstração de insatisfação com a forma que o espaço é tratado.

FIGURA 24 - Acesso

LEGENDA

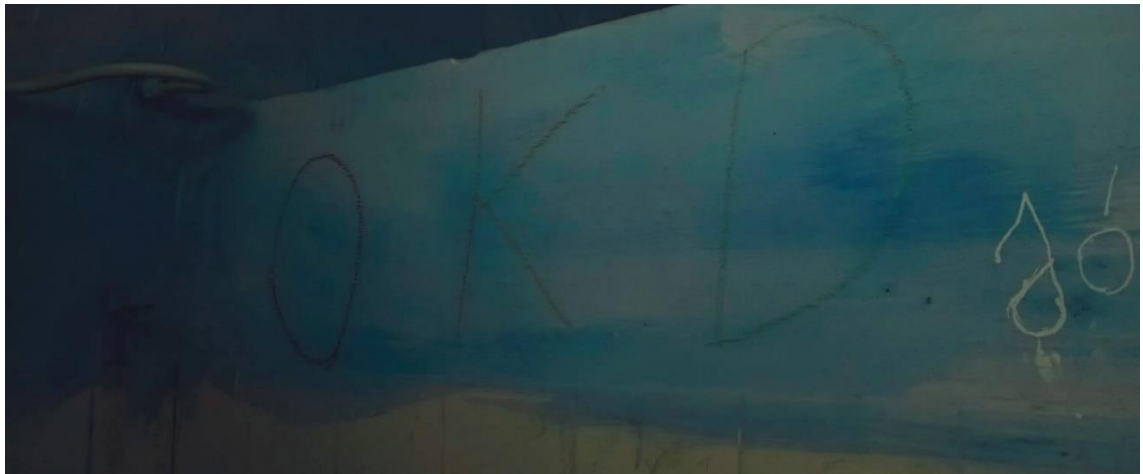
Neste espaço vê-se uma porta (no banheiro masculino) de madeira sem nenhuma pintura na qual lê-se "OKD, todos fechados com certa manhã". Embora a frase esteja escrita fora dos padrões da língua portuguesa, averiguamos que a mensagem seria a de que no turno da manhã este seria o grupo de maior poder estabelecido. Há que se ressaltar que supomos aqui que a primeira marcação teria sido a escrita de vermelho e que sobre esta coloca-se a de tinta azul, a qual apresenta um teor maior, de cunho afirmativo mais diretivo aos que leem esta demarcação.



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Essencialmente, a gangue era uma aliança transitória de jovens párias. Eles procuravam repetidamente provocar raiva e hostilidade nas pessoas pertencentes ao mundo de que eram excluídos, e exultavam com seu sucesso quando chegava ao clímax esperado e as pessoas provocadas os agrediam e puniam (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.153).

FIGURA 25 - Divisórias



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora 2015 (Banheiro Masculino).

Esta parede azul ainda do banheiro masculino, mostra com que descuido são feitos os cuidados deste ambiente, nesse caso a pintura que tem marcas de tinta a escorrer sobre os azulejos. Retrata mais uma vez a demarcação territorial do grupo OKD, junto à sigla aparece a abreviação de um nome ou apelido - “Jó” - que nos direciona entender que este indivíduo é participante deste grupo, ou apoia suas ideias.

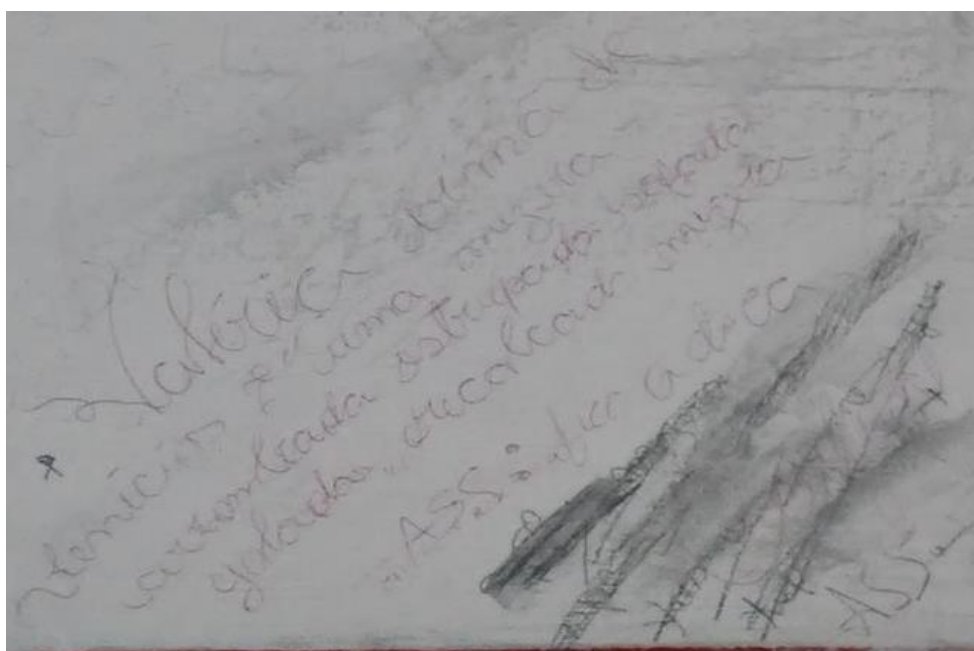
FIGURA 26 - Desejada



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora 2015 (Banheiro Feminino).

Na figura 26, vários marcadores de nomes individuais ou de casais formados dentro desta comunidade educacional. Porém, o que nos ressalta aos olhos são as letras garrafais em destaque na faixa vermelha que circunda todo o banheiro feminino desta escola. Lê-se "Alice 100% Gostosa"; não sabemos se a própria Alice teria escrito a expressão numa tentativa de autoafirmação ou se esta expressão teria sido escrita por outra pessoa. No entanto, o que podemos concluir é que com certeza Alice é uma figura de notória presença nesta comunidade.

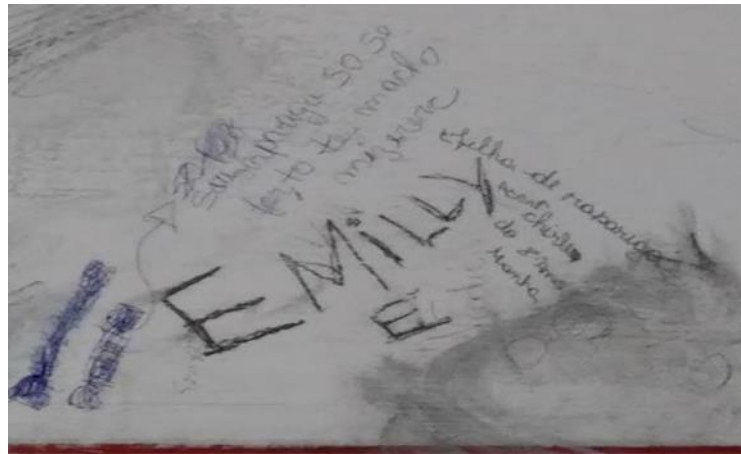
FIGURA 27 – Fragmento da figura 26



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Na imagem nº 27 lê-se: “Valéria irmã de Vinícius é uma mizera arrombada estrupada safada galada recalcada mizera ASS: fica a dica”. É possível perceber um discurso de ódio e violência; nota-se também que o/a autor/a se esconde atrás de enigmas e que houve ensaios, por parte de alguém, em identificá-lo/a, mas essas tentativas foram coibidas ao riscarem, fazendo um borrão em cima dos nomes que ali foram expostos.

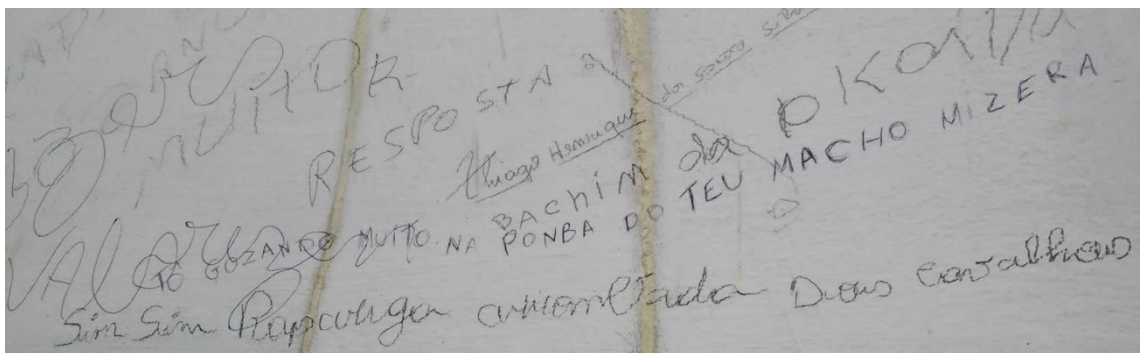
FIGURA 28 – Fragmento da figura 26



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora.

Na imagem nº 28 lê-se: “EMILLY sua rapariga. So se for do teu macho mizera. Filha de rapariga, recad Chirley do 8º ano”. Fica claro nessas mensagens grafadas nas paredes, a comunicação, por meio de troca de insultos entre colegas de escola. Nesse caso houve a identificação da autora do recado, ou seja, as duas envolvidas estão declaradas nos “bilhetes” de banheiro. Aqui há uma preocupação em depreciar a imagem da outra, por meio de xingamentos.

FIGURA 29 - Ofensas

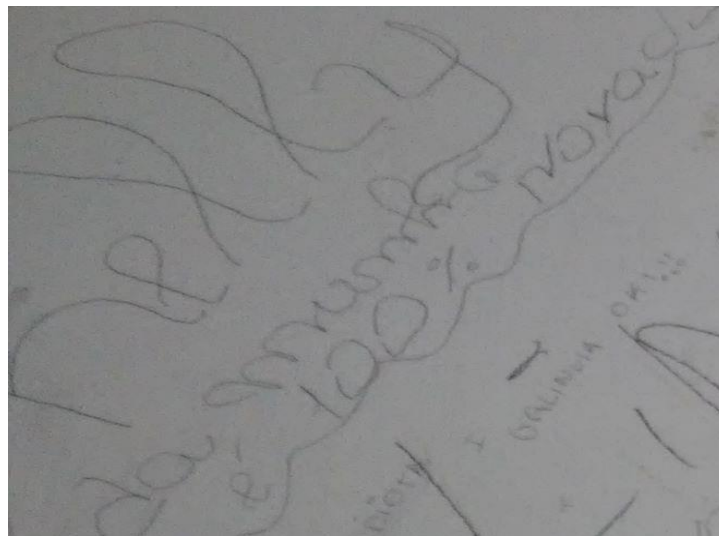


Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora 2015(Banheiro Feminino).

A primeira vista podemos ligeiramente atribuir a esta imagem apenas a categoria de poluição visual, porém a observando de modo mais cauteloso é possível perceber que aqui se apresenta um diálogo, provavelmente, com duas pessoas do gênero feminino, as quais brigam pela preferência de alguém do sexo masculino, visto que é chamado de "macho". Há também claras expressões depreciativas como os termos "rapariga", "mizera" e "arrombada", as quais servem

para acentuar ainda mais o caráter depreciativo sobre o qual se constrói este diálogo. Ainda é possível notar a afirmação de pertença a OKD, uma vez que lemos: “Bachim da okaida” entre as discussões, nos levando a crer que este seria o protagonista desse conflito narrado nas paredes, desta forma fica clara uma trama de comunicação que lhes é particular expressa num espaço público.

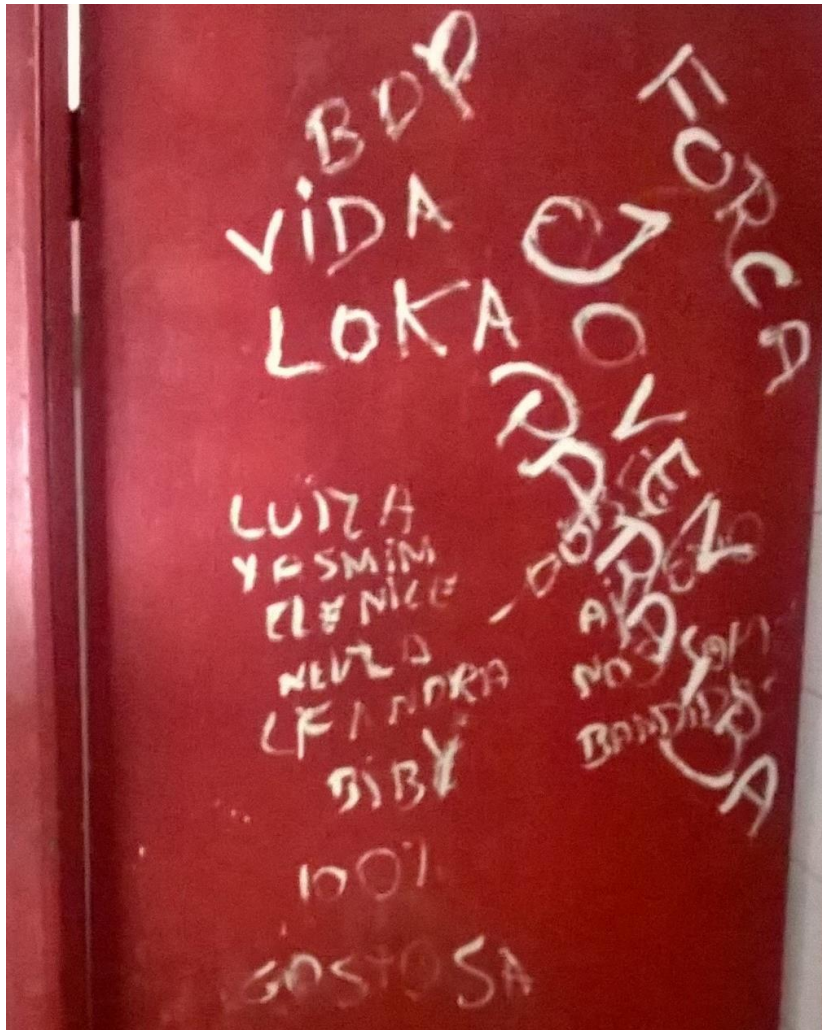
FIGURA 30 - Noyadas



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora 2015(Banheiro Feminino).

Na imagem nº 30 lê-se: “Kelly da manhã é 100% noyada”. Chama-nos atenção essa afirmação, pois não foi tão evidenciada a participação do gênero feminino nas assertivas relacionadas às facções e drogas; nessa grafia notamos a apropriação do termo “noyada” que se refere à noiada que é uma gíria empregada para dizer que uma pessoa está drogada, “muito louca”. A utilização dessa expressão nos parece algo que empodera, pois as letras bem visíveis se colocam de forma a serem de fato notadas, numa tentativa talvez de se encaixar em algum grupo ou de balizar seu lugar no mesmo.

FIGURA 31 - Conexões

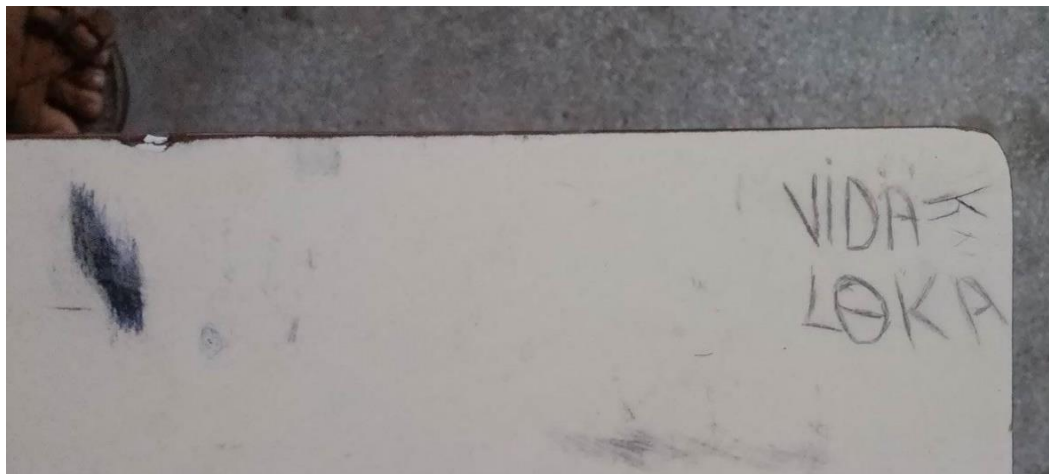


Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora 2015 (Porta do banheiro feminino).

Nesta porta de banheiro feminino de fundo vermelho vemos marcadores em letras brancas (aparentemente escritos com corretivo escolar). Neste campo visual vemos uma lista de nomes "Luiza, Yasmim, Elenice, Neuza, Leandra e Biby" e ao final, a afirmação que todas são 100% gostosas, o que nos sugere uma autoafirmação desta vez feita de forma coletiva. Há também referência ao subgrupo BDP. Mais uma vez menção a música "vida loka", bem como menção a uma torcida organizada conhecida como "força jovem parayba". Existem também outros demarcadores, porém que se tornarem ilegíveis, uma vez que se sobrepõem a estes a demarcação do grupo de torcida.

3.3 PAREDES E CARTEIRAS: A HISTÓRIA PICHADA

FIGURA 32 – Vida Loka

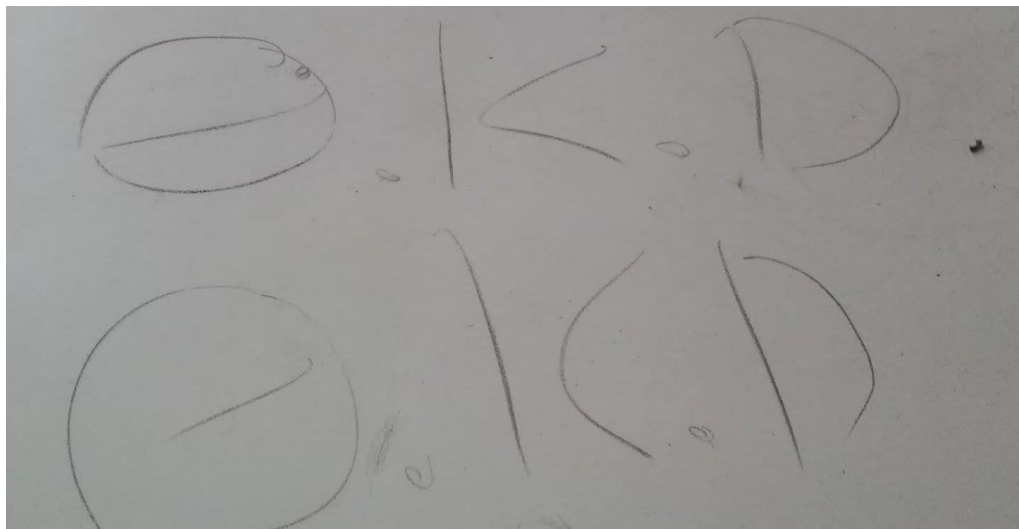


Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2014).

Nesta imagem (32) há a representação de uma carteira de um aluno, vista de cima, a qual possui um borrão em seu canto superior esquerdo e no canto superior direito e uma expressão na qual lê-se "vida loka", a qual refere-se a expressão vida louca, muita usada por estes alunos em referência ao contexto fronteiro de suas vidas e as condições de marginalidade com a qual estes convivem. É possível também fazer uma leitura desta expressão em referência ao rap Vida Louca escrita pelo grupo musical conhecido como Racionais MCs³, no qual se narra a trajetória de jovens no mundo das drogas e da criminalidade e o contexto de privações de direitos as quais estes jovens são submetidos. A música também faz referência àqueles que tentam viver de modo contrário ao que se espera, em momentos como pede para que o outro levante a cabeça num pedido de ajuda e de um possível pedido de socorro haja vistas o cenário de carência e de violência no qual estes se encontram inseridos.

³Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap, fundado em 1988, e formado pelos mcs Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue e o dj KL Jay. É considerado por muitos como o grupo de hip hop mais relevante e influente do Brasil. Suas canções demonstram a preocupação em denunciar como a destruição da vida de jovens negros e pobres da periferia de São Paulo é resultado do racismo e do sistema capitalista, ao sustentarem a miséria diretamente ligada com a violência e o crime. Temas como a brutalidade da polícia, do crime organizado e do estado, bem como o preconceito, as drogas e a exclusão social são recorrentes nas letras do conjunto.

FIGURA 33 - Pertença



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Na figura 33, visualizamos, mais uma vez, uma demarcação territorial; desta vez, em fronteira menor, visto que denota apenas a marcação de um aluno, supostamente o que faz uso desta carteira, como membro desta facção. É considerado também um instrumento indenitário uma vez que ao ver esta marcação um membro reconhece o outro ou se distancia deste, dependendo da facção a qual o outro pertence.

FIGURA 34 - Acordos



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Nesta parede (Fig. 34) concebemos, mais uma vez, o demarcador da facção OKD; lemos também uma referência a "MUSICA VIDA LOUCA" já mencionada em nossos comentários, além de aludir aqui um subgrupo compreendido pela sigla TDR.

O traço em grafite denota que o estudante usa para realização destas demarcações o que tem as mãos, visto que a oportunidade, quando lhe é conferida, precisa ser aproveitada de forma mais rápida possível. No entanto, é possível perceber um destaque maior sobre a sigla TDR, para o qual o autor sugere maior realce, em contraste com as demais demarcações. Outra característica destes grupos seria a de trocar letras ou invertê-las vertical ou horizontalmente, na tentativa de dificultar a compreensão do observador. E ao mesmo tempo restringido esta compreensão apenas aos membros ou coparticipantes destas facções.

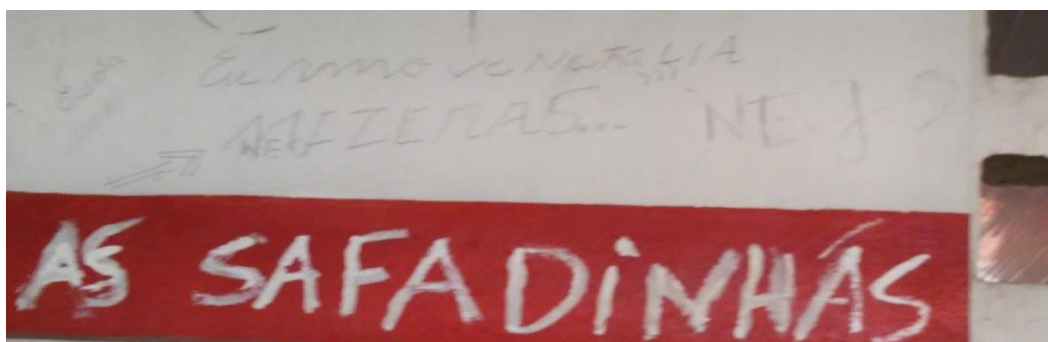
FIGURA 35 - Pactos



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Mais uma vez uma imagem (Fig. 35), vista de cima de uma carteira de um aluno, em que aparece uma facção ainda não mencionada o PCC, bem como um subgrupo o BDC. Com maior destaque vemos "OKD, MATANDO DE ALMÃO (Referência a Alemão, demarcador territorial) E PCC".

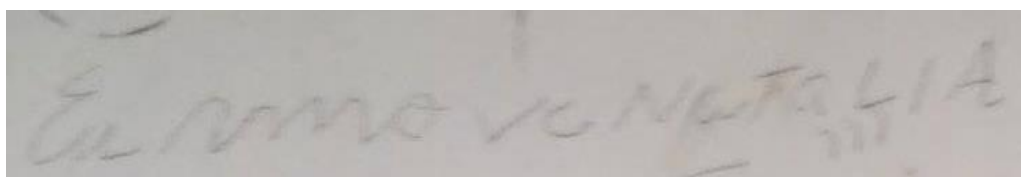
FIGURA 36 – As safadinhas



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

"As safadinhas" apresenta uma demarcação de gênero de outro subgrupo sobre os quais averigua-se ser formado apenas por pessoas do gênero feminino, embora receba proteção de outros subgrupos do gênero masculino. Acima desta demarcação há uma seta que aponta para a expressão "mizeras", a qual sugere a afronta ou provocação de outro grupo que se contrapõe a este. Mais uma vez, observamos o uso do espaço do campo visual para fins de declarações amorosas, quando se lê "eu amo vc Natalia".

FIGURA 37 – Fragmento da figura 36



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

O que nos permite aferir que os alunos fazem uso destes espaços para demarcarem suas mais diversas possibilidades de fronteiras e de identificações, entre elas há também as fronteiras amorosas.

FIGURA 38 - Bonde



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Na figura 38 vê-se a coluna de um espaço de convivência da escola (sala de aula), na qual se destaca um fundo vermelho e em letras grandes a sigla BDC (Bonde da Cyclone), o qual refere-se a um subgrupo formado por alunos desta comunidade educacional, no qual verifica-se uma regionalização deste movimento

ou melhor dizendo a facção que se faz num contexto ainda mais local. Tal aspecto nos permite perceber a necessidade destes alunos de incorporar-se em grupos maiores tais como OKD e EUA, não eliminando a possibilidade de que estes se delimitem em unidades com gradientes menores de poder, os quais são evidenciados nestes pequenos grupos.

FIGURA 39 – Proteção e Morte



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Vê-se na imagem (Fig. 39) a representação de alguns elementos tais como um caixão, uma espada, um terço apagado e outro em destaque e no canto superior esquerdo um possível escudo. O que nos chama a atenção é que em todos os elementos há uma menção ao contexto da morte. O que nos possibilita inferir que este é um sentimento recorrente aos membros de tais facções. Analisando Eliasianamente observamos que "o problema social da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos". (ELIAS, 2001, p. 9). Além de que "a expectativa de vida relativamente alta dos indivíduos nessas sociedades é um reflexo do aumento da segurança" (ELIAS, 2001, p.14), ao passo que a considerada diminuição desta expectativa de vida, causa nos indivíduos uma constante sensação de insegurança, o que nos remete a imagem do terço,

símbolo religioso que, entre outros significados, pode representar um pedido de proteção. Os terços coloridos foram também símbolos adotados pelos pertencentes a OKD como adereço de identificação de pertença a gangue.

FIGURA 40 – Bad boy



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Na imagem 40, há uma clara analogia ao conceito do “bad boy⁴”, o estilo dos olhos irritados, os cabelos espetados, nos levando a crer que esta pessoa representada é um fulano que está a postos para “o que der e vier”, empunhado de um cigarro na boca, um brinco na orelha e a sigla de sua facção no rosto, simbolizando seu poder e território, que pretende defender com um facão se preciso for. Acreditamos ser essa a representação de si mesmo, de um desses alunos integrantes da OKD, grafada em sua carteira. A afirmação de ser um “bad boy” da OKD lhes confere um *status* de poder nesse espaço.

⁴ Marca de artigos esportivos, voltados essencialmente para as artes marciais como o Jiu-jitsu e MMA.

FIGURA 41 - Arquétipo



Fonte: Disponível em:

https://www.demongraphics.co.uk/index.php?main_page=product_info&products_id=669&zenid=c35fc032d7d6e8eebb43a7b27574517c. Acesso em 03 out. 2015.

FIGURA 42 – Divino Demoníaco



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Vê-se na imagem 42 um hibridismo imagético. A referência a uma imagem do sagrado que se ressignifica na projeção do agregado OKD composta, por meio de uma mistura com uma imagem que talvez represente algo que impõe medo. Ou, se outra forma pode ser compreendida como a imagem da representação da OKD com algo depreciativo: a figura demoníaca. Ambas chaves revelam que a imagem criada a partir de uma composição de imagens retrata a mistura de elementos que se imbricam para significar esta mistura de referências que se revela na OKD.

Os contrastes das mensagens tomam formas nas paredes e carteiras, pois evidenciamos em todo o percurso, diálogos depreciativos, ameaçadores, demarcações territoriais de facções, da mesma maneira que encontramos recadinhos afetuosos, desde demonstrações de interesse afetivo em uma determinada pessoa até declarações de amizade como a da figura 43 abaixo.

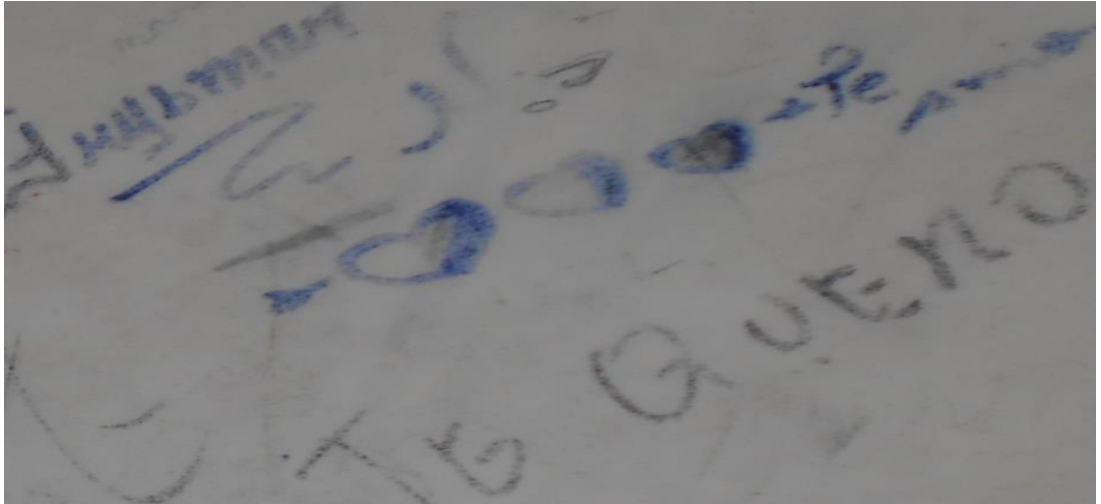
FIGURA 43 - Amizade



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Na imagem 43, apreciamos os nomes de quatro alunas/os e a palavra amigos com uma seta indicativa aos nomes, e um coração com uma flecha e as iniciais destes amigos dentro desse símbolo de amor, parceria, pertença ao mesmo grupo. Fica nítido o orgulho de exibir essa relação de afeição entre essas pessoas, como também a ideia de que são tão próximos e estão sempre juntos para todas as ocasiões, ou seja, se fortalecem pelos laços que estabeleceram entre si e por sua exposição.

FIGURA 44 - Afeto



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2015).

Na imagem 44, vemos uma declaração ao Yrysmar, seguida de três corações, eu te amo e logo abaixo com uma grafia diferente e numa dimensão maior a frase “TE QUERO”, nos levando a pensar que foi escrita por uma pessoa diferente, com o intuito de dá ênfase a mensagem. Podemos considerar essa uma “rede social” de comunicação entre aqueles/as que participam deste cenário, com mensagens de todos os gêneros, algumas bastante claras outras apenas compreensíveis para aqueles/as que estão inseridos nesse universo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mexericos de rejeição eram a arma social que costumavam usar contra as pessoas que não se curvavam a seus próprios padrões. Nesse caso, porém, tratava-se de uma arma inútil. A rejeição era exatamente o que esses jovens esperavam, e as expressões de irritação e raiva daqueles que os rejeitavam eram o que mais lhes dava prazer (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 158).

Percorrer os corredores desse “Carandiru”, observando e participando das figurações que nele se estabeleceram foi uma experiência única, à medida que ficávamos mais íntimos desta comunidade escolar, igualmente nos sentíamos e percebíamos os acontecimentos, entendendo que os grupos evidenciados dentro e fora da escola influenciam de forma ativa em todo esse cenário, desde as marcações nas carteiras, portas e paredes ao estilo de música que essas/es alunos/as escutam no seu cotidiano, seus hábitos de vestir, acessórios, forma de se expressar.

Demonstramos que os estigmas atribuídos a esta comunidade interferem diretamente na formação da identidade destes/as alunos/as, tendo em vista que alguns/as acabam por assumir essa rejeição social e se colocar de fato como alguém que infringe, pois, essa posição de transgressor lhe atribui poder neste cenário. Devemos considerar que essas infrações não tem um único objetivo de contravenção, muitas vezes elas são usadas como forma de reivindicar, como citado no evento a rebelião.

Sendo então a expressão de violência uma forma de se fazer ouvir, ser notado/a, nos alertando que há uma distância que precisa ser diminuída entre os/as alunos/as e as outros/as componentes desta comunidade escolar, que a participação destes/as em decisões de regras e até nos planejamentos de atividades poderia favorecer uma experiência mais harmônica dentro desta escola.

Apresentamos alguns grupos e subgrupos de alunos/as encontrados no “Carandiru” suas disputas de poder, símbolos, conquista de espaços, afirmação de dominância e ameaças escritas abertamente com intuito de intimidar e provocar o grupo adversário, ainda assim, com as divisões “os de cima e os de baixo”, as proibições de quem pode ou não “subir ou descer” livremente pelas ruas das comunidades circunvizinhas desta escola, fica claro que esta instituição de ensino é

um lugar de convergência, o qual agrega diferentes públicos que em outras situações não conviveriam num mesmo ambiente. Não estamos dessa forma afirmando que essa coexistência é pacífica, mas que é uma convivência, um contato que fora deste lugar ele é evitado ao extremo.

Nas configurações expressadas pelas pichações evidenciamos algumas diferenças entre os gêneros quando deixam seus inscritos, não foi ocasião desse trabalho se deter nessas particularidades desse universo, mas apontamos aqui para uma futura discussão e aprofundamento.

O “ Carandiru” nos ofertou um cenário rico de relações de poder em todos os níveis e com diferentes gradientes. A apreciação dos grupos e subgrupos pôde ser demonstrada mesmo com a ausência da fala oral formal, e não apenas o silêncio tomou forma, as mensagens das paredes protagonizaram nas nossas análises, a expectativa de entender como e porque esses grupos estão presentes na escola foi por nós apontada.

REFERÊNCIAS

BAUER W. Martin, GASKELL George (orgs), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**- 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca; **Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização**- Petrópolis, RJ: Vozes 2003.

CUNHA, Jorge, L., DANI, Lúcia, S., C., (org), **Escola, conflitos e violência**- Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2008.

DE DECA, Edgar Salvadori: Envolvimento e distância na obra de Norbert Elias *In*: Alonso Bezerra de Carvalho, Carlos da Fonseca Brandão (Organizadores). **Introdução à Sociologia da Cultura: Max Weber e Norbert Elias**. São Paulo: Avercamp, 2005.

ELIAS, Norbert, **A Solidão dos Moribundos, seguido de envelhecer e morrer** - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____; **O Processo civilizador, volume 1 - Uma história dos costumes**- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2.ed.2011.

_____; **O Processo civilizador, volume 2 – Formação do Estado e Civilização**- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

_____; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Viseu, 1992.

_____; **Introdução a Sociologia**- Reimp. Biblioteca 70, Lisboa, 1970.

_____; **Escritos e Ensaios; 1: Estado, Processo, Opinião Pública**- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____; **Conocimiento y Poder**: LasEdiciones de la Piqueta, Madrid: 1994.

FREIRE, João Batista. As relações entre o fazer e o compreender na prática da Educação Física. São Paulo; 1982. 234p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.

GADOTTI, Moacir; **Diversidade cultural e educação para todos**- Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GEBARA, Ademir; LUCENA, Ricardo de F. O poder e cotidiano: breve discussão sobre o poder para Norbert Elias. In: **IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR - TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO**, nov. 2011, Ponta Grossa, PR, Brasil. Disponível em:

http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simpósio/artigos.html. Acesso em: 19 jan. 2014.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.), **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KROTSCH, Lucas, F.: As lógicas escolares como espaço social: Contribuições de Norbert Elias. In: Carina V. Kaplan, Magda Sarat (Organizadoras) **Educação, subjetividade e diversidade: pesquisas no Brasil e na Argentina**. Londrina UEL, 2014.

MARTINS-UEL, João Batista. **Pichação na escola e a construção da identidade juvenil**. Disponível em:

http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Sociologia_da_Educacao/Trabalho/08_18_52_PICHACAO_NA_ESCOLA_E_A_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDAD E_JUVENIL.PDF. Acesso em: 03 mai. 2015.

OLIVEIRA, T., NUNES M., A., L., Análise iconográfica: Um caminho metodológico de pesquisa em história da educação, **Contrapontos**, Itajaí, Vol. 10, nº 3- p. 307- 313/ set-dez 2010.

QUINTANEIRO, Tania, **Processo civilizador, sociedade e indivíduo na teoria sociológica de Norbert Elias**- Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2010.

SCHIMITT, J. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual da idade média**. São Paulo: Edusc, 2007.

SILVA, Tomaz T. (org), **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**- 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SITES CONSULTADOS

BAYEUX EM FOCO. **Imprensa nacional denuncia: JP está dividida por facções criminosas**: veja mapa de atuação de Al Qaeda e EUA, 2012. Disponível em: <http://www.bayeuxemfoco.com.br/noticia/imprensa-nacional-denuncia-jp-esta-dividida-por-faccoes-criminosas-veja-mapa-de-atuacao-de-al-qaeda-e-eua.html>. Acesso em: 08 ago. 2014.

DEMONGRAPHICS. **Bad Boy**. 2015. Disponível em:

https://www.demongraphics.co.uk/index.php?main_page=product_info&products_id=669&zenid=c35fc032d7d6e8eebb43a7b27574517c. Acesso em 03 out. 2015.

EDUCAÇÃO UOL NOTÍCIAS. **Facções dominam escolas para impor medo e causam evasão em João Pessoa**. 2014. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/05/14/faccoes-dominam-escolas-para-impor-medo-e-causam-evasao-em-joao-pessoa.htm>. Acesso em 03 jul. 2015.

_____. **Violência nas escolas públicas**: Tráfico impõe toque de recolher. 2013. Disponível em: <http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/cidades/cidadania/2013/06/01/NWS,224730,4,96,NOTICIAS,2190-VIOLENCIA-ESCOLAS-PUBLICAS-TRAFICO-IMPOE-TOQUE-RECOLHER.aspx>. Acesso em 03 jul. 2015.

PARAÍBA. **Chefe da Okaida explica guerra com o PCC na Paraíba; facção já teria dominado vários estados**. 2013. Disponível em: <http://www.paraiba.com.br/2013/11/14/95432-chefe-da-okaida-explica-guerra-com-o-pcc-na-paraiba-e-matar-ou-morrer>. Acesso em 08 ago. 2014.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Violência invade também o ambiente escolar na Paraíba**. 2014. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/31037/violencia-invade-tambem-o-ambiente-escolar-na-paraiba/>. Acesso em 03 jul. 2015.

VINTE E QUATRO HORAS PARAÍBA. **PM ANUNCIA MEDIDAS PARA COMBATER VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**. 2015. Disponível em: <http://24horaspb.com/Portal/home/esportes/cotidiano/item/13092-pm-reforca-policiamento-nas-escolas-e-anuncia-whatsapp>. Acesso em 05 ago. 2015.

_____. **Facções criminosas dominam escolas públicas na capital**. 2015. Disponível em: <http://24horaspb.com/Portal/home/esportes/cotidiano/item/11022-faccoes-criminosas-dominam-escolas-publicas-da-capital>. Acesso em 04 ago. 2015.

ANEXOS

Anexo I; Print da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética para realização da pesquisa.

The screenshot displays the 'Plataforma Brasil' web interface, a system used by the Brazilian Ministry of Health for research registration and ethics approval. The header includes the 'Saúde' logo and the 'Ministério da Saúde' name. Below this, the 'Plataforma Brasil' logo is prominent, accompanied by navigation buttons for 'Público', 'Pesquisador', and 'Alterar Meus Dados'. The user 'Priscila Canuto' is logged in, as indicated by the text 'Priscila Canuto' and 'Sua sessão' in the top right corner.

The main content area is titled 'DETALHAR PROJETO DE PESQUISA'. Under this, a section labeled 'DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA' contains the following information:

- Título da Pesquisa: Uma Escola "Chamada Carandiru": Um Diálogo Entre Cultura e Relações de Poder no Cotidiano Escolar.
- Pesquisador Responsável: Priscila Canuto
- Área Temática:
- Versão: 1
- CAAE: 30319014.7.0000.5188
- Submetido em: 11/06/2014
- Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Educação
- Situação da Versão do Projeto: Aprovado
- Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
- Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

To the right of this text, there is a circular stamp from the 'COMITÊ DE ÉTICA' (Ethics Committee) with a diagonal banner across it that reads 'COORDENADOR'.

Anexo II; Títulos das músicas do site indicado pelos/as alunos/as:

Anexo III; Letra da música Vida Loka:

Vida Loka

Racionais Mc's

(Disponível em:<http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/vida-loka-parte-1.html>)

Vagabunda, queria atacar do malucão, usou meu nome

O pipoca abraçou

Foi na porta da minha casa lá

botou pânico em todo mundo 3h da tarde

E eu nem tava lá... vai vendo!

É mas aí, Brown, tem uns tipo de mulher truta

Que não dá nem pra comentar

Eu nem sei quem é os maluco, isso que é foda

Aí vamo atrás desse pipoca aí e já era

Ir atrás de quem e aonde? Sei nem quem é, mano

Mano, não devo, não temo e dá meu copo que já era

E aí, bandido mal, como que é, meu parceiro?

E aí, Abraão, firmão truta?

Firmeza total, Brown... e a quebrada aí, irmão?

Tá pampa, aí fiquei sabendo do seu pai

Aí, lamentável truta, meu sentimento mesmo, mano!

Vai vendo, Brown, meu pai morreu

E nem deixaram eu ir no enterro do meu coroa não, irmão

Isso é louco, você tava aonde na hora?
Tava batendo uma bola, meu, fiquei na mó neurose, irmão
Aí foram te avisar?
É, vieram me avisar, mas tá firmão, brou
Eu tô firmão, logo mais tô aí na quebrada com vocês aí
É quente, na rua também num tá fácil não morô, truta?
Uns juntando inimigo, outros juntando dinheiro
Sempre tem um pra testar sua fé, mas tá ligado
Sempre tem um corre a mais pra fazer
Aí, mano, liga, liga nós aí qualquer coisa lado a lado
Nós até o fim morô, mano?
Tô ligado!

Fé em Deus que ele é justo
Ei irmão nunca se esqueça, na guarda, guerreiro
Levanta a cabeça truta, onde estiver seja lá como for
Tenha fé porque até no lixão nasce flor

Ore por nós pastor, lembra da gente
No culto dessa noite, firmão segue quente
Admiro os crente, da licença aqui
Mó função, mó tabela, pow, desculpa aí

Eu me, sinto às vezes meio pá, inseguro

Que nem um vira-lata sem fé no futuro
Vem alguém lá, quem é quem, quem sera meu bom
Dá meu brinquedo de furar moletom

Porque os bico que me vê com os truta na balada
Tenta ver, quer saber de mim não vê nada
Porque a confiança é uma mulher ingrata
Que te beija, e te abraça, te rouba e te mata
Desacreditar, nem pensa, só naquela
Se uma mosca ameaça me cata piso nela

O bico deu mó guela, ró
Bico e bandidão vão em casa na missão
Me tromba na cohab
De camisa larga, vai sabe Deus que sabe
Qual é a maldade comigo inimigo num migue
Tocou a campanha plin, pá trama meu fim, dois maluco
Armado sim, um isqueiro e um stopim
Pronto pra chamar minha preta pra falar
Que eu comi a mina dele, rá, se ela tava lá
Vadia, mentirosa, nunca vi deu mo faia
Espírito do mal
Cão de buceta e saia

Talarico nunca fui, é o seguinte

Ando certo pelo certo, como 10 e 10 é 20

Já penso doido, e se eu tô com o meu filho no sofá

De vacilo desarmado era aquilo

Sem culpa e sem chance, nem pra abri a boca

la nessa sem sabe

(pô cê vê) vida loka

Mais na rua num é não, até jack

Tem quem passa um pano

Impostor pé de breque, passa pro malandro

A inveja existe, e a cada 10, 5 é na maldade

A mãe dos pecado capital é a vaidade

Mais se é para resolver, se envolver, vai meu nome

Eu vou fazer o que, se cadeia é pra homem

Malandrão eu? Não, ninguém é bobo

Se quer guerra terá

Se quer paz, quero em dobro

Mais verme é verme, é o que é

Rastejando no chão, sempre embaixo do pé

E fala 1, 2 vez, se marcar até 3

Na 4ª xeque-mate, que nem no xadrez

Eu sou guerreiro do rap
E sempre em alta voltagem
Um por um, Deus por nós, tô aqui de passagem
Vida loka
Eu não tenho dom pra vitima
Justiça e liberdade, a causa é legítima
Meu rap faz o cântico do lokos e dos românticos
Vo por o sorriso de criança, onde for
Os parceiros tenho a oferece minha presença
Talvez até confusa, mais real e intensa

Meu melhor marvin gaye, sabadão na marginal
O que será, será, é nós vamo até o final
Liga eu, liga nós, onde preciso for
No paraíso ou no dia do juízo pastor
E liga eu, e os irmão
É o ponto que eu peço, favela, fundão
Imortal nos meus versos
Vida loka